

Cid Seixas

# SOB O SIGNO DO ESTRUTURALISMO

LINGUAGEM, CULTURA  
E IDEOLOGIA

Livro III

<https://issuu.com/ebook.br/docs/linguagem3>

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL

A pesquisa de Cid Seixas, empreendida no final dos anos 70 sobre a linguagem, numa perspectiva da cultura e da ideologia, contrariando os estudos imanentes do estruturalismo, antecipou importantes questões hoje em debate.

Entre as manifestações favoráveis ao seu trabalho pioneiro, está a do filólogo Antonio Houaiss, como integrante da banca que avaliou o seu primeiro trabalho acadêmico de porte.

“Quero desde o início deixar patente minha admiração por várias altas qualidades manifestas, dentre as quais realço a sequência nas idéias, a madureza do pensamento, o espectro rico da informação e erudição, o inteligente aproveitamento das fontes e bibliografia, e a elegância da exposição.

Nutro a esperança de que Cid Seixas não abandone a direção de estudos que tomou e a prossiga, aprofundando pontos que parecem merecer indagação mais acurada de sua parte. Afloro, a seguir, alguns com o só fim de espicaçá-lo, mas sem intuitos polêmicos ou, muito menos, professorais ou magistrais: será, antes, um diálogo entre pares de angústias e buscas (malgrado – ah! a diferença de nossas idades).”

Antonio Houaiss

SOB O SIGNO  
DO ESTRUTURALISMO

Tipologia: Original Garamond, corpo 12.

Formato: 12 x 19.

Número de páginas: 112.



Endereços deste e-book:

<https://issuu.com/ebook.br/docs/linguagem3>

<https://issuu.com/cidseixas/docs/linguagem3>

<http://www.e-book.uefs.br>

<http://www.linguagens.ufba.br>

Cid Seixas

SOB O SIGNO  
DO ESTRUTURALISMO

LINGUAGEM, CULTURA  
E IDEOLOGIA

Livro III

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL

EDITORA UNIVERSITÁRIA DO LIVRO DIGITAL  
Linguagem, Cultura e Ideologia, Livro III

CONSELHO EDITORIAL:  
Adriano Eysen  
Cid Seixas  
Itana Nogueira Nunes  
Flávia Aninger Rocha  
Francisco Ferreira de Lima  
Moanna Brito S. Fraga

## LINGUAGEM, CULTURA E IDEOLOGIA

- 1 | A natureza ideológica da linguagem
- 2 | A linguagem, origem do conhecimento
- 3 | **Sob o signo do estruturalismo**
- 4 | O contrato social da linguagem
- 5 | A linguagem: do idealismo ao marxismo

[cidseixas@yahoo.com.br](mailto:cidseixas@yahoo.com.br)

2016



## SUMÁRIO

Capítulo I	
A TRADIÇÃO SAUSSURIANA E SUAS CONSEQÜÊNCIAS .....	9
As contradições do Curso .....	16
O outro lado da medalha .....	26
Capítulo II	
HJELMSLEV: GLOSSEMÁTICA, HUMANISMO E CIÊNCIA .....	35
A sombra do fantasma .....	43
Entre o ideal e o real .....	54
Capítulo III	
CHOMSKY: A ESTRUTURA PROFUNDA E UNIVERSAL .....	61
A linguística cartesiana .....	69
A gramática filosófica .....	74
REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA .....	87
O que é a e-book.br .....	110

A perspectiva de Saussure, ao reconhecer apenas a imanência da *forma*, contraria a crença de autores que opõem o conceito de *estrutura* ao de *forma*. Para Lévi-Strauss, enquanto a última se refere apenas a uma face do objeto, a *estrutura* abrange o objeto como um todo em que as partes se articulam. Nesta visão estaria a chave para compreender a influência do estruturalismo nas ciências da cultura.



## A TRADIÇÃO SAUSSURIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O idealismo de Ferdinand de Saussure está traduzido pelos organizadores do *Curso de linguística geral*, já nas primeiras páginas do livro, quando a perspectiva do mestre genebrino se manifesta na afirmativa: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”. (Saussure, 1916, p. 15)

Para o fundador da linguística estrutural, esta ciência não tem um objeto concreto, ao contrário de outras ciências que trabalham com objetos previamente existentes e sujeitos, portanto, *a posteriori*, a serem considerados sob vários pontos de vista. Parece-nos que Saussure refere-se ao *corpus*, que é constituído pelo ponto de vista do cientista, através de um corte do

objeto, ao passo que o objeto independe da sua perspectiva. A discussão, aliás, nos remete aos conceitos de *objeto formal* e *objeto ontológico*, se quisermos entrar na discussão travada entre as concepções idealista e realista a respeito da existência objetiva.

Por outro lado, a sentença segundo a qual “a língua é uma forma e não uma substância” (Idem, p. 141) deixa claro que, para ele, tal objeto se reduz ao sistema virtual. Devido a esse procedimento idealista, Coseriu recusa a clássica oposição *langue/parole*. Enquanto a tradição saussuriana tende a excluir a fala e seus fatos do que chama de âmbito imanente da linguística, Coseriu trata a língua como um fenômeno histórico, partindo do ato concreto do falante. Para ele, a língua compreende o *sistema*, a *norma* e a *fala*, uma vez que a sua redução ao sistema puro, potencial, não abrange a realidade linguística tal como ela se apresenta e existe, deixando de explicar fatos que transformam e, por conseguinte, criam a língua. Como bem percebeu o autor de *Sistema, norma y habla*, “la lengua es continuidad, mientras que el *sistema* y la *norma* son estaticidad: se trata de conceptos que se referen al SER e no al DEVENIR.” Por isso, partindo do ato concre-

to de falar, diz que “nuestro concepto de lengua de ninguna manera coincide con el anunciado por Ferdinand de Saussure y sus continuadores”. (Coseriu, 1973, p. 103 e p. 15, respectivamente)

De certo modo, a visão de Saussure, ao reconhecer apenas a forma, contraria a crença de alguns autores que afirmam que o estruturalismo opõe o conceito de *estrutura* ao de *forma*. Para Lévi-Strauss, enquanto esta última se refere apenas a uma face do objeto, a primeira vê o objeto como um todo em que as partes se articulam. Na verdade, a crítica que o marxismo e outras correntes do pensamento realista dirigem ao estruturalismo se deve ao fato deste movimento não levar em conta os objetos tratados em sua totalidade (muito embora insista na necessidade de se adotar uma visão sistemática nas ciências da natureza). Mas o estruturalismo, escudando-se nessa posição, enveredou por outros caminhos que comprometem a validade do método: por um lado, defende uma atitude científica e, por outro, se perde em abstrações para justificar os “cortes epistemológicos” ou, mais precisamente, as construções subjetivas do objeto. Daí a acusação ao movimento (ou ao método) de levar às últimas consequências duas formas opostas de

radicalismo: o idealismo e o mecanicismo de inspiração positivista.

Enquanto Saussure estava interessado em sistemas virtuais – como os tipos hoje representados pela noção chomskyana de *competência*, bem mais importante para a teoria gerativista do que a de *desempenho*, como indica a figura do *falante ideal*, base das hipóteses- da linguística cartesiana –, Coseriu se prende a conceitos fundados no *ser*, e não no *dever ser*. Institui *sistema e norma* como conceitos estruturais e sincrônicos, ao tempo em que considera a oposição dicotômica *sincronia/diacronia* como sendo meramente operacional, pois, num estado de língua qualquer, podemos verificar a presença constante das mudanças – o que torna evidente a constatação: toda sincronia contém uma diacronia, e vice-versa.

Em *Sincronia, diacronia e historia: el problema del cambio lingüístico*, Coseriu discute o assunto, retomando a sua oposição à perspectiva de Saussure. Ver especialmente os títulos “La aparente aporía del cambio lingüístico. Lengua abstracta e proyección sincrónica” e “Lengua abstracta e lengua concreta. La lengua como ‘saber hablar’ históricamente de-

terminado. Los tres problemas del cambio lingüístico”, às páginas 7 a 38 do livro.

A perspectiva do estudioso ou do observador é que pode ser sincrônica ou diacrônica, sem que isso modifique o objeto real. Daí as constantes advertências de vários linguistas (e de filósofos, como Adam Schaff, por exemplo) de que se tem confundido frequentemente o objeto com o plano da investigação. Mas como para Saussure a língua decorre do ponto de vista, a oposição dicotômica parece coerente à sua teoria. Reduzindo a língua ao sistema, como o faz, e, arbitrariamente, limitando o objeto por ele criado, forçosamente atribui grande importância ao estudo sincrônico. Decorre daí o fato de Saussure opor-se à tradição anterior, criando o estruturalismo linguístico (sobre um possível equívoco epistêmico, conforme se discutirá mais adiante).

Vendo a língua como *forma*, Saussure exclui o *processo* do seu objeto, que abrange apenas o *sistema*; daí, Hjelmslev acreditar na possibilidade da existência de um *sistema* apriorístico, independentemente de um *processo* atualizador e corporificador. Como se pode ver, estamos mais uma vez diante do problema fundamental da divergência entre o idealismo

platônico e o realismo aristotélico: de um lado, a crença nas *formas apriorísticas* e independentes; e, de outro, a visão da *forma*, apenas, como resultado da divisão operacional do objeto, que resulta da solidariedade entre uma *forma* e uma *substância*. Tanto Saussure quanto Hjelmslev, em diversos momentos, percebem a impossibilidade da fragmentação dicotômica. No *Curso*, aparece o exemplo da folha de papel cujas faces não têm existência autônoma; e nos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* o conceito de *função semiótica* repousa na *interdependência* dos *planos*. Mesmo assim, o criador do estruturalismo linguístico afirma que a língua é uma álgebra (ver a página 141 do *Curso*), o que entusiasmou Hjelmslev a ponto de o teórico da glossemática esquecer que tal construção do objeto, por negligenciar a *substância*, contraria sua própria noção da função, onde *forma* e *substância* são *furtivos* constantes, isto é, existem apenas em função do outro.

Se, por um lado, a tradição saussuriana trouxe indiscutíveis contribuições à linguística, por outro, ela parte de pressupostos discutíveis. Cabe à posteridade incorporar os progressos trazidos por Saussure, Hjelmslev, Chomsky e outros mestres, sem que isso implique a acei-

tação passiva de abstrações radicalmente idealistas e que não resistem a um confronto com a realidade.

Nesse sentido é que o presente capítulo se constitui numa recusa ao estruturalismo, sem deixar de aproveitar para a discussão do nosso problema a contribuição de alguns dos autores mais criticados. Por mais que se discorde do idealismo estruturalista, bem como dos seus exageros em busca de um cientificismo tão em moda no início do século (o que torna o estruturalismo oscilante entre o idealismo e o neopositivismo), não se pretende negar a importância do movimento – o que seria absurdo. A nossa própria geração é um resultado típico do estruturalismo, contendo suas vantagens, seus vícios e contradições.

É por isso que nossa crítica se opõe à de Carlos Nelson Coutinho, em *O estruturalismo e a miséria da razão*, que só consegue identificar as contradições do movimento, minimizando sua contribuição efetiva. É provável que hoje esse autor não mais responda por tais juízos, provenientes de momentos de entusiasmo e acaloradas conclusões. O fato de não aceitarmos o estruturalismo, em sua forma de maior ressonância que é a idealista e

neopositivista, por nos situarmos numa outra margem ideológica, não impede que aproveitemos os resultados da sua contribuição. Negar peremptoriamente os pontos de vista dos quais discordamos se constitui numa forma de subjetivismo e de ideologia anticientífica, no sentido atribuído ao termo por Schaff, incompatíveis com qualquer disciplina filosófica.

## AS CONTRADIÇÕES DO CURSO

A organização do *Curso de linguística geral*, a cargo de Charles Bally e Albert Sechehaye, foi, como se sabe, uma tarefa difícil, principalmente porque consistia em homogeneizar as lições de três cursos ministrados por Saussure, compreendendo as investigações do autor que vão de 1906 a 1911. Embora se admitindo a honestidade e a isenção dos organizadores do volume, há um terceiro elemento de difícil solução: é provável que, após discutir problemas linguísticos no primeiro curso, o mestre suíço tenha reformulado alguns dos seus pressupostos filosóficos considerados insustentáveis no decorrer das investigações. Como é de se esperar, devido ao tempo que separa o pri-



meiro do último curso, ele partiria de novos pressupostos e chegaria a conclusões diferentes das precedentes.

Como então marcar tal fato num volume em que se procura tão-somente ordenar a matéria discutida? A evolução do pensamento do autor, naturalmente, fica prejudicada em um projeto dessa natureza, o que justifica as contradições do *Curso*, sem que seja possível num trabalho como o nosso buscar a verdadeira fisionomia de Saussure. Consciente disso, limitamo-nos a discutir o texto organizado por Bally e Sechehaye, apontando algumas das suas contradições e extraíndo daí a lição necessária à nossa discussão.

Saussure sustenta o seu trabalho na natureza social da linguagem e afirma que a língua forma um todo com a vida da massa social. Por outro lado, atendendo à moda cientificista do seu tempo – quando a sociologia estava submetida às ciências naturais –, professa a redução da língua de fato social e histórico, à condição de sistema funcional. Mas, ao longo de todo o *Curso de linguística geral*, permanece indeciso entre considerar a língua como um fato social complexo ou negligenciar esta realidade. Em alguns momentos, admite a sua na-

tureza social, mas está diante de um social ideal e não da própria realidade social prática, fluando entre o idealismo e o positivismo, e inaugurando a ambiguidade que caracterizaria o estruturalismo nas ciências da linguagem.

Na preocupação de delimitar o *corpus* a ser estudado, ele termina limitando o objeto, como se pode observar na equívoca conceituação de imanência linguística, especialmente nos capítulos quatro e cinco do *Curso* (“Linguística da língua e linguística da fala” e “Elementos internos e elementos externos da língua”). Saussure reduz sua teoria a uma linguística da língua, por acreditar que a “atividade de quem fala deve ser estudada num conjunto de disciplinas que somente por sua relação com a língua têm lugar na Linguística” (p. 26). Para justificar essa divisão dos elementos da língua em internos e externos, ele busca uma série de argumentos e analogias pouco pertinentes que, em vez de fundamentarem seus pontos de vista, contrariamente, servem para demonstrar a sua equivocidade:

“Consideremos, por exemplo, a produção dos sons necessários à fala: os órgãos vocais são tão exteriores à língua como os

aparelhos elétricos que servem para transcrever o alfabeto Morse são estranhos a este alfabeto; e a fonação, vale dizer, a execução das imagens acústicas, em nada afeta o sistema em si. Sob este aspecto, pode-se comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade”. (Idem, p. 27)

É verdade que os órgãos vocais são exteriores à língua, mas o seu papel não é idêntico aos aparelhos elétricos em relação aos códigos artificiais e estáticos, ou fechados. A simples diferença entre uma semiótica que é uma *língua* e uma semiótica que é um *código* torna a analogia imperfeita. Por outro lado, ao contrário do que acreditava Saussure, a posição de um músico com relação a uma sinfonia de um autor particular não é a mesma de um falante com relação à língua, que é de criação coletiva, ou é um condomínio social, no dizer de Rousseau. Os formalistas russos, ao falarem das mudanças do gosto literário e das formas poéticas, por analogia, lembraram que, nas revoluções sociais, quando as violências contra

o sistema são bem sucedidas, essas se incorporam a ele, passando a ser obrigatórias, e não mais violências. Ora, a língua é um produto e um fator social mais íntimo das massas do que a literatura: por que então uma mudança provocada pela realização do falante não modificaria o sistema? Concretamente, sabemos que a fala modifica o sistema e que os chamados “elementos externos” constituem fatores de mudança amplamente considerados pela sociolinguística. Uma *semiótica pragmática*, como é a língua, não pode ser comparada, sob o aspecto da sua execução, com uma sinfonia particular, que é uma *semiótica estética*, intencionalmente produzida por um único autor.

Apesar de afirmar que a atividade do falante não importa diretamente à linguística, Saussure, em outro momento do *Curso*, reconhece que “os costumes de uma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação”. (Saussure, 1916, p. 28)

No ensaio “O estruturalismo linguístico”, referindo-se à sociologia de William Dwight Whitney (1827-1894), de quem Saussure teria aproveitado alguns dos pressupostos defendidos no *Curso de linguística geral*, Mattoso Câ-

mara Jr. ressalta a importância do livro desse sociólogo, autor de *Language and the Study of Language*, a quem se deve uma pioneira reflexão sobre a natureza arbitrária da linguagem, uma construção do homem surgida do mesmo modo que a sociedade e suas outras instituições. E completa, para discutir as influências:

“Sentiu ainda, porém, muito além disso, a outra consequência que advinha dessa concepção sociológica. Dela desentranhou o conceito de sistema para a língua, em linhas pela primeira vez estruturalistas em linguística. A sugestão lhe veio da sociologia francesa coeva, em que predominava a escola de Emile Durkheim. Não convém encarar a influência de Durkheim em Saussure da mesma maneira absoluta em que ela aparece em seu discípulo Meillet, que era concomitantemente discípulo declarado de Durkheim. Há um evidente exagero de Doroszewski, quando assim procede. É inegável, porém, ter sido o clima durkheimiano da sociologia francesa que permitiu a Saussure aproveitar no sentido estruturalista a assimilação da língua a uma instituição social”. (Câmara Jr., 1973, p. 12-13.)

As duas concepções antagônicas da língua, como sistema formal ou como uma instituição em permanente processo de interdependência com a sociedade, levaram-no a transferir as características dos dois modos de ver o objeto para o próprio objeto, solucionando o impasse com a distinção entre o que é *interno* e o que é *externo* à língua. Um argumento claro para entendermos que esse critério de divisão não se baseia no objeto, mas nos processos de abordagem, é o fato de o conceito de “*externo*” perder inteiramente o seu sentido quando o autor do *Curso* (p. 32) diz que “é interno tudo quanto provoca mudança do sistema em qualquer grau”. Ora, esta frase encerra o capítulo cinco, sendo uma síntese ou uma conclusão da exposição de Saussure. Vejamos como é ela mesma que fornece os dados para negar todo o raciocínio anterior, pois é a fala, ou o ato concreto do falante, que modifica a língua. São os elementos aí considerados externos que afetam o sistema, uma vez que todo sistema não passa de um meio, de um instrumento a serviço de um processo. Caracterizar a língua como a um sistema, ou uma competência no sentido desenvolvido por Chomsky com base na linguística saussureana,

implica sua redução; contrariamente, admitir o processo do uso da língua pelo homem como um fato essencialmente, e intrinsecamente, linguístico significa atribuir à mesma o papel que ela efetivamente desempenha nas sociedades humanas ao longo da história.

Chegamos assim a uma nova situação: os elementos que Saussure classifica como externos modificam o sistema, passando, por isto mesmo, à condição de elementos internos (pois, conforme suas palavras, tudo que provoca mudança no sistema é interno). Lembremos, a propósito, a afirmação que Jakobson costumava fazer aos seus alunos, citada segundo Mattoso Câmara Jr.: “o linguístico confunde-se com o humano, e portanto nada que interessa à vida e ao mundo do homem lhes deve ficar alheio”. (Câmara Jr., 1970, p. 174)

Nesse sentido, os filólogos tradicionais (cujo adjetivo passou a ser usado depois da revolução copernicana trazida por Saussure a estes estudos) punham-se numa posição mais aceitável, em nossos dias – e mais próxima da sociolinguística –, que o fundador do estruturalismo. Os manuais de filologia não excluíam da sua tarefa o estudo dos fatos históricos e sociais que levaram o latim a se transformar

nas modernas línguas românicas. Procuravam ver o objeto linguístico da forma como ele se apresenta, em toda a sua complexidade, sem as limitações impostas pelo estruturalismo e depois recusadas pela sociolinguística, que, de certo modo, redimensiona os pressupostos da filologia anterior a Saussure.

O dialetólogo Nelson Rossi, em curso ministrado na Pós-Graduação em Letras da UFBA, em 1977, discutiu as relações entre a dialetologia e a sociolinguística: no seu entender, a dialetologia já vinha realizando o trabalho a que os sociolinguistas se atribuem o papel de iniciadores. A propósito, no prefácio ao livro de Ada Natal Rodrigues *O dialeto cai-pira na região de Piracicaba*, lemos uma colocação de Rossi que registra o conflito entre os métodos estruturais e o estudo das variações e o estudo das variações sociais da linguagem:

“Nos anos 50 ganhou corpo e consistência a discussão do que poderia ou deveria ser a Dialetologia à luz das correntes linguísticas englobadas sob o nome genérico de estruturalismo. Num artigo que constitui marco significativo nesse debate, tanto pelo que diz a respeito quanto pelo que provo-



cou fosse dito de ambos os lados, Uriel Weinreich refere-se a um *abismo que separa os estudos estruturais dos dialetológicos*". (Rossi, 1974, p. 11)

Na verdade, o abismo entre o pensamento restritivo da linguística estrutural e a dialetologia (ou a sociolinguística) consiste no fato de o primeiro estar preocupado com o dever ser, enquanto os estudos das variações se sustentam no ser. Evidentemente, não se pode estender tal reducionismo a um linguista, e filósofo da linguagem, como Coseriu, bem como a outros autores considerados estruturalistas, mas que sustentaram o seu trabalho numa crítica dos pressupostos contraditórios. Na sociolinguística, temos o caso de Labov que, mesmo se filiando à escola de Chomsky, recusa muitas das entidades abstratas que habitam a gramática gerativa e transformacional. Labov abandona, por exemplo, o falante ideal e vai em busca de falantes reais em circunstâncias socialmente determinadas.

## O OUTRO LADO DA MEDALHA

Apesar de a teoria da linguagem resultante das lições de Saussure estar comprometida com o idealismo e com o cientificismo, a ponto de transformar o sistema em uma entidade virtual, e de eleger seus mecanismos à categoria de objetos científicos, encontramos na sua obra um outro lado da medalha: a visão do fenômeno linguístico como um todo. A afirmação de que o signo é constituído por *significante* e *significado* – contrariamente à concepção primitiva que liga os nomes diretamente aos objetos e reduz o símbolo à simples representação – põe no âmbito do signo e, por conseguinte, da linguagem (seja ela uma semiótica qualquer ou uma língua) os *conteúdos* que receberam sua *forma* através do sistema linguístico. Nesse sentido, a afirmação saussuriana de que língua é *forma* torna-se mais aceitável; ou melhor, no sentido de que é a língua que permite as formações das expressões e dos conteúdos estabelecidos pela sociedade. O problema da doutrina de Saussure é que, ao descobrir isso, para alcançar a sua demonstração “científica”, ele negligenciou a *substância* (no sentido

hjelmsleviano), achando que a língua é, apenas, *forma*. Mas a necessidade de demarcação do *corpus* não impõe necessariamente a limitação do objeto, sendo mais prudente afirmar que o *sistema é forma*. Por outro lado, ninguém poderia censurar o cientista que resolvesse limitar seus estudos apenas ao sistema; o que seria diferente de afirmar que o objeto linguístico é apenas aquilo que ele escolheu para estudar. Por isso, as correntes que se opõem ao estruturalismo, mesmo aceitando a maior parte dos ensinamentos de Saussure, não estão obrigadas a se submeter aos seus pressupostos menos coerentes, como o que estabelece que é o ponto de vista que cria o objeto linguístico.

Mas voltemos à concepção saussuriana do signo, através das suas palavras:

“Para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas. [...] Tal concepção é criticável em numerosos aspectos. Supõe ideias completamente feitas, preexistentes às palavras”. (Saussure, 1916, p. 79)

Nesta passagem do *Curso*, temos uma crítica às tentativas de redução da língua a uma nomenclatura, como as do pensamento cartesiano, que concebe a existência de ideias preexistentes à língua. Mas apesar de criticar certos pontos de vista cartesianos, ele termina caindo em iguais equívocos, possibilitando que sua obra seja retomada tanto numa tendência como a de Hjelmslev quanto numa outra como a de Chomsky; que se declara continuador de Saussure e da tradição do século XVII. (Chomsky, 1973, p. 11-38. Cf. “Contribuições linguísticas para o estudo do pensamento”.)

Mas, ao contrário dos cartesianos, Saussure considera que pertencem à língua tanto a *imagem acústica* quanto o *conceito*, termos que são substituídos por *significante* e *significado*, para assinalar mais enfaticamente que é a soma dos dois que constitui o signo. Para o autor do *Curso*, são os signos linguísticos que delimitam os objetos, e determinam a visão que fazemos deles:

“O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos

falar conosco ou recitar mentalmente um poema. E porque as palavras da língua são para nós imagem acústica, cumpre evitar falar dos «fonemas» de que se compõem. Este termo implica uma ideia de ação vocal, não pode convir senão à palavra falada, à realização da imagem interior do discurso”. (Idem, p. 80)

Tais colocações demonstram que para Saussure a língua está presente no ato do pensamento, mesmo que ela não se manifeste materialmente através de fonemas (ou de grafemas), pois a presença da língua se efetiva através do processo semiológico de constituição do signo verbal ou da relação mental entre um conceito e uma imagem acústica.

Uma das discussões mais estimulantes aqui sugeridas é a da necessidade de uma semiótica como instrumento do pensamento: da dependência que temos de um sistema semiótico qualquer para ordenar nossas ideias. Supor a existência do pensamento independente de uma semiótica ou de uma linguagem qualquer é uma abstração cartesiana das mais radicais, que contraria todas as verificações empíricas. Até mesmo os filósofos idealistas hesitam em

proclamar, como modernamente Chomsky o faz, a existência de um pensamento puro, independente de uma linguagem. Cassirer constrói a sua *Filosofia das formas simbólicas* (título da sua teoria e da sua obra principal, em três grandes volumes) sobre a certeza de que a existência de formas simbólicas – o que equivale a dizer: de um sistema semiológico, seja ele uma língua ou uma outra semiótica qualquer – é necessária para a existência do pensamento.

A posição de Saussure, nesse sentido, é de grande utilidade para a defesa dos pontos de vista adotados no presente trabalho, que podem ser resumidos na hipótese de a linguagem constituir um complexo, juntamente com a cultura e a ideologia. O nosso ponto de vista depende diretamente do vínculo existente entre linguagem e pensamento: se ambos constituem verso e reverso de uma mesma medalha, ou seja, se uma expressão só existe porque é expressão de um pensamento, e um pensamento só existe porque se sustenta num conceito formado por uma língua, é necessário admitir-se a participação da cultura e da ideologia. Linguagem, pensamento, cultura e ideologia constituem partes de um mesmo objeto, interdependentes a ponto de ser impossível a existên-

cia isolada de uma delas. Veja-se o que diz Saussure (p. 130):

“Psicologicamente, abstração feita de sua expressão por meio das palavras, nosso pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta. Filósofos e linguistas sempre concordam em reconhecer que, sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas ideias de modo claro e constante. Tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua”.

Insistimos, diversas vezes, em que os estruturalistas oscilam entre o idealismo e o neopositivismo. Observe-se como Saussure, numa atitude platônica, reduz a língua à forma, para depois ampliar o seu objeto. Os filósofos da linguagem neopositivistas afirmavam que “a linguagem é o único objeto da filosofia”. (Schaff, 1964, p. 49-85)

Quando Saussure amplia o objeto, parece-nos que o seu pensamento está próximo do de Wittgenstein, cujo *Tractatus lógico-philosophicus*

constitui um precioso estímulo à filosofia neopositivista da linguagem. “O limite será, pois, traçado unicamente no interior da língua: tudo que fica além dele será simplesmente absurdo”, diz Wittgenstein (p. 53). Para ele, “(4) O pensamento é a proposição significativa. (4.001) A totalidade das proposições é a linguagem.” Ou, mais adiante: “(4.0031) toda filosofia é «crítica da linguagem»”. (Aqui, como em outros casos, especialmente os de textos clássicos, a citação é baseada na numeração própria da obra.)

Mas, como acentua Bertrand Russell, filósofo ligado ao neopositivismo, esse movimento terminou por aceitar proposições inteiramente platônicas. Como se vê, não é de estranhar que o platonismo linguístico tenha aceito também proposições neopositivistas. As duas formas de radicalismo pensaram em sair de tais extremos incorporando o radicalismo oposto, fato que o estruturalismo ilustra magnificamente. Não é sem razão que o estruturalismo americano de Sapir produziu o mecanicismo de Blommfield.

Já no fim do *Curso de linguística geral*, vamos encontrar uma afirmação que reforça ain-



da mais as nossas hipóteses. Na página 261 pode-se ler que, para Saussure,

“existe uma outra unidade, infinitamente mais importante, a única essencial, aquela que é constituída pelo vínculo social: chamá-la-emos *etnismo*. Entendemos por *etnismo* uma unidade que repousa em relações múltiplas de religião, de civilização, de defesa comum, etc., as quais se podem estabelecer mesmo entre povos de raças diferentes e na ausência de todo vínculo político”.

Para ele, o vínculo social cria a comunidade linguística e imprime nela determinadas características, mais ou menos em acordo com tais relações sociais; reciprocamente, é a comunidade linguística que constitui a comunidade étnica, como no caso do *etnismo* romano que unia, sem vínculos políticos, no início da Idade Média, povos de origens muito diferentes.

O termo *glossemática* foi introduzido por Hjelmslev para demarcar a sua teoria da linguagem, incluindo nela o rigor científico pretendido e substituindo palavras com sentidos difusos por termos claramente definidos, como num sistema algébrico. O seu objetivo só foi alcançado mais tarde, nos *Prolegômenos*, onde as ideias de diversos trabalhos anteriores ganham forma definitiva. Nesse livro, aliás, o termo gramática vai desaparecer inteiramente, sendo fixados conceitos como álgebra, esquema, sistema etc., alguns tomados da filosofia de Condillac.

## HJELMSLEV: GLOSSEMÁTICA, HUMANISMO E CIÊNCIA

A teoria da linguagem de Louis Hjelmslev – compreendendo livros como *Princípios de gramática geral*, *Sistema linguístico e mudança linguística*, *A linguagem e Prolegômenos a uma teoria da linguagem* – é declaradamente platônica, apesar de tentar, em alguns momentos, incorporar as colocações advindas do realismo aristotélico. Essa doutrina é de um idealismo não muito diferente do de Ferdinand de Saussure, de quem Hjelmslev se pretende o mais fiel continuador. É verdade que, ao contrário do mestre de Genebra, ele admite a existência real do objeto linguístico; mas o objeto por ele admitido já está delimitado pela sua concepção puramente idealista, e não pela realidade concreta.

A discussão sobre a oposição entre sincronia e diacronia é retomada pela *glossemática* como referente ao ponto de vista de abordagem, isto é, à linguística, e não à língua, porque os dois termos se referem a uma só coisa: “Sin embargo, es evidente que la diferencia estriba solo en el método. El objeto es el mismo; sólo los puntos de vista difieren”. (Hjelmslev, 1971, p. 55) O livro *El lenguaje [Sproget]* é uma primeira tentativa de autor de formular uma teoria da linguagem; mas o seu objetivo só foi alcançado mais tarde, nos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, onde as ideias de diversos trabalhos anteriores ganham forma definitiva. Nesse livro, aliás, o termo gramática vai desaparecer inteiramente, sendo fixados conceitos como álgebra, esquema, sistema etc., alguns tomados da filosofia de Condillac.

O termo *glossemática* foi introduzido por Hjelmslev para demarcar a sua teoria da linguagem, incluindo nela o rigor científico pretendido e substituindo palavras com sentidos difusos por termos claramente definidos, como num sistema algébrico.

No entanto, apesar de compreender que o *objeto é sempre o mesmo e só os pontos de vista*

*diferem*, Hjelmslev procura um meio de invalidar o procedimento realista, e concordar com Saussure:

“Hemos visto ya que Jespersen es uno de los que han llegado a distinguir la diacronía y la sincronía. Pero esta distinción tiene para él un valor meramente teórico. Por lo que se refiere a los procedimientos a seguir en la práctica, dice expresamente que no se debe valorar la diferencia, y que es imposible ocuparse de la sincronía y de la diacronía separadamente si queremos llegar a una interpretación científica. Pero ese punto de vista no concuerda con la realidad”. (Idem, p. 16-17)

Nessas mesmas páginas citadas, Hjelmslev admite que tanto o sincrônico quanto o diacrônico “contienen solo la mitad de la verdad. Pero los dos sistemas operan sobre planos lógicamente diferentes.” E logo em seguida pondera que só existe uma disciplina e dois sistemas, o sincrônico e o diacrônico; ao contrário de duas forças atuando sobre um mesmo sistema linguístico. No caso, a perspectiva de Coseriu, por ter desenvolvido a

tripartição *sistema, norma e fala*, dentro de uma filosofia da linguagem realista, talvez apresente uma saída mais satisfatória para o problema, inclusive com as noções de *sincronia, diacronia* e *história* desenvolvidas mais tarde.

Outra atitude idealista de Hjelmslev se manifesta ao propor a oposição entre o ato linguístico virtual e o ato linguístico concreto: *sistema e processo*, na sua terminologia; *langue e parole*, para Saussure; *competência e desempenho*, para Chomsky. Tais denominações têm um parentesco muito íntimo porque denotam o apriorismo do abstrato sobre o concreto nos três grandes linguistas que tanto influenciaram a moderna ciência da linguagem. Louis Hjelmslev admite que o processo só existe em virtude do sistema subjacente: “Um sistema, pelo contrário não é inconcebível sem um processo”. (Hjelmslev, 1943, p. 44) E prossegue: “Quando se trata da língua natural falada, que é a única a nos interessar no momento, podemos também utilizar termos mais simples: chamaremos aqui o processo de *texto*, e o sistema de *língua*”. O problema é que ele chega a afirmar a possibilidade de existência de uma *língua* sem que exista um *texto*, ou seja, o modo concreto dessa língua.

Antes de tais colocações, na série de conferências que constituem o livro *Sistema linguístico e mudança linguística*, ele já tinha dito que todo uso pressupõe a estrutura; mas não o inverso. Aí, ao contrário do que se possa afirmar com relação à tentativa de abrangência do estruturalismo, a *estrutura* é apenas a *forma* pura. Note-se inclusive que Hjelmslev associa ainda a *estrutura* à *forma* e o *uso* à *substância* (língua é forma e não substância, conforme o preceito neoplatônico), constatando que à mesma estrutura podem corresponder os usos mais diversos, pois na *função* que une a estrutura ao uso, a estrutura é uma *constante* e o uso uma *variável*: “Se comprende entonces que sea la estructura de una lengua y no su uso lo que decida su identidad y la defina por oposición a otra”. (Hjelmslev, 1971, p. 53)

Para melhor compreensão do que foi dito, é necessário discutirmos alguns dos conceitos da teoria de Hjelmslev, tal como está expressa nos *Prolegômenos*. O conceito de *função* é de fundamental importância nesta álgebra que é a língua, segundo a glossemática:

“Adotamos aqui o termo *função* num sentido que se situa a meio caminho entre seu

sentido lógico-matemático e seu sentido etimológico, tendo este último representado um papel considerável em todas as ciências, incluindo-se aqui a linguística. O sentido em que o tomamos está formalmente mais próximo do primeiro, sem com isso ser-lhe idêntico”. (Idem, p. 39)

*Funtivo*, portanto, é qualquer um dos termos entre os quais há função, isto é: relação de interdependência. No caso da *função semiótica*, temos dois funtivos: a *expressão* e o *conteúdo*.

Para o motorista que conhece uma semiótica como a dos sinais rodoviários, um círculo vermelho cortado ao meio e atravessado por uma seta é uma expressão que evoca um conteúdo: é proibido trafegar no sentido indicado pela seta. Ora, essa placa de trânsito só é uma expressão porque ela tem um conteúdo estabelecido; o que quer dizer que uma expressão só existe em função do seu conteúdo, e um conteúdo só existe em função da sua expressão. E em decorrência dessa função entre duas *constantes* que existe uma semiótica. Constante, portanto, é um funtivo cuja presença é necessária à existência do funtivo com o qual tem



função. O outro tipo de funtivo é designado por Hjelmslev como *variável*. Desse modo, a *langue* e a *parole* de Saussure são funtivos da função linguística; a *langue*, enquanto sistema, seria uma constante e a *parole*, enquanto um ato de fala particular, seria uma variável, pois ao mesmo sistema corresponderiam diversos processos de fala.

O curioso é que nosso autor estabelece o conceito de funtivo como relação de interdependência e logo depois elege um dos termos como podendo existir sem o outro. Assim, a sua própria noção de funtivo torna-se contraditória e inútil.

Mas, para Hjelmslev, assim como expressão e conteúdo são funtivos da função semiótica, cada um deles é também uma função da qual participam dois outros funtivos, uma constante e uma variável; *forma* e *substância*. Existe assim uma *forma da expressão* e uma *substância da expressão*; uma *forma do conteúdo* e uma *substância do conteúdo*.

Podemos explicar a forma como uma espécie de linha de corte que se projeta para constituir a fisionomia do objeto, resultando dessa projeção a substância, que é a concretização da forma. Assim, é fácil de se entender por que

o *sistema* hjelmsleviano é uma forma, e o *processo* uma substância; ou por que, para Saussure, língua é forma e não substância.

O raciocínio hjelmsleviano parece correto, mas coloca o sistema numa posição privilegiada, quando negligencia o fato de ser impossível um sistema linguístico sem o processo efetivo desempenhado pela sociedade falante. De nada nos serve um conceito ideal de língua, se ele não é uma decorrência de atos linguísticos reais. Enquanto os idealistas colocam o sistema *a priori*, uma posição realista não vai propor que se faça o mesmo com o processo, pois assim estaria diante de um problema tão ocioso como a discussão sobre o ovo e a galinha. O realismo quer apenas que se veja o sistema e o processo como verso e reverso de uma mesma medalha; o sistema nasce com o processo, QUE SE FORMA SISTEMATICAMENTE. É a junção de ambos que constitui uma semiótica, pois um processo desordenado, caótico e assistemático não é objeto da semiologia. Por outro lado, supor um sistema preexistente é admitir um racionalismo incompatível com a posição realista, no sentido aristotélico; o que equivaleria a acreditar que Deus fez os homens e depositou neles o domínio de um sistema. Veja-se

como as posições idealistas em linguística tendem a se confundir com a teoria da origem divina das línguas. É exatamente porque esse idealismo, numa análise mais profunda, contraria toda hipótese da base científica que o estruturalismo se constitui numa contradição: tentar fazer ciência sobre pressupostos filosóficos não-científicos.

## A SOMBRA DO FANTASMA

Com o crescente prestígio da sociolinguística, as bases idealistas do estruturalismo começaram a ser minadas, surgindo, inclusive, no âmbito da gramática gerativa e transformacional, que é uma das formas mais radicais do idealismo estruturalista, correntes filosoficamente opostas à linguística cartesiana. Temos na sociolinguística norte-americana o já citado caso de William Labov; e com relação aos estudos da língua portuguesa, é conveniente destacar a orientação das pesquisas de Fernanda Fonseca e Joaquim Fonseca, notadamente no livro *Pragmática linguística e ensino do português*. O idealismo chomskyano é criticado pelos autores, que tentam reduzir

sua influência, opondo ao conceito de *competência linguística* o de *competência comunicativa*, quando se busca não mais o falante ideal, mas o falante real, percebido enquanto construtor da norma.

Os pressupostos da sociolinguística e de outras linhas modernas, em decorrência de um trabalho empírico de campo, abandonam a orientação estruturalista mais dura em favor de uma perspectiva abrangente. Aos poucos, a sombra do fantasma deixa de assustar, embora, vez por outra, permaneçam alguns equívocos suscitados pela dialética pendular que separa o idealismo do determinismo chauvinista abstraído da realidade. Um exemplo típico desse problema, de grande importância para a nossa discussão, é dado nos parágrafos seguintes.

O estruturalismo desempenhou importante papel quando demonstrou o funcionamento da linguagem através de uma observação científica. As relações entre língua e raça, sustentadas no etnocentrismo de alguns povos que se autodenominam “civilizados”, entre outras crenças preconceituosas que eram impostas à teoria da linguagem, desapareceram como resultado das pesquisas estruturais.

Como parte de uma mesma ideologia, outros preconceitos etnocêntricos foram afastados das ciências. Da forma, quando Hjelmslev afirma que uma língua se presta a qualquer fim, ele está insistindo no que hoje é um lugar-comum do movimento, que consiste em demonstrar como o sistema linguístico empregado pela nação Kamayurá do Alto-Xingu, por exemplo, é tão apto a discutir problemas filosóficos quanto o sistema linguístico à disposição dos alemães, de um modo geral, ou dos gregos da época clássica. Sabemos que qualquer língua pode expressar qualquer conteúdo – nesse sentido, as investigações de Hjelmslev no campo da semiologia são de grande importância –, bem como sabemos que uma língua é uma semiótica em que todas as semióticas podem ser traduzidas.

Enquanto semióticas como as utilizadas pela música ou pela matemática podem ser, com algum esforço, substituídas pela língua ordinária, isto é, expressas em linguagem verbal, não se pode afirmar que as línguas possam ser traduzidas em música ou em matemática. No entanto, há quem afirme o contrário: Mendenssohn diz que os pensamentos expressos em música são precisos demais para serem

postos em palavras, conforme já tivemos oportunidade de discutir no artigo “A linguagem dos sentidos na poética musical de Strawinsky”. Não parece, contudo, que a opinião de Mendelssohn tenha maior fundamento quando confrontada, por exemplo, com os estudos de Edward Sapir. Esta não é apenas a reflexão de um linguista, mas, ao mesmo tempo, de um músico e de um poeta:

“Certos artistas, cujo espírito se move francamente no nível não-linguístico (ou, melhor, de generalização linguística), chegam a sentir dificuldade de se exprimirem nos termos rigidamente dados do idiomatismo estabelecido. Tem-se a impressão de que eles forcejam por uma linguagem artística generalizada, uma álgebra literária, que está para o conjunto das línguas conhecidas como um simbolismo matemático perfeito está para as indicações de relações matemáticas que a fala normal é capaz de ministrar. A expressão artística deles é frequentemente forçada, soa às vezes como a tradução de um original desconhecido.” (Sapir, 1964, p. 220)

Hjelmslev, nos *Prolegômenos*, também apresenta um argumento que contraria inteiramente o de Mendelssohn.

“Na prática, uma língua é uma semiótica na qual todas as outras semióticas podem ser traduzidas, tanto todas as outras línguas como todas as estruturas semióticas concebíveis. Esta traduzibilidade resulta do fato de que as línguas, e elas apenas, são capazes de formar não importa qual sentido.” (Hjelmslev, 1943, p. 115)

Anteriormente, no ensaio “Tipología de las estructuras lingüísticas”, o mesmo Hjelmslev defende esses pontos de vista, recorrendo a outros autores:

“Pues en la lengua cotidiana se puede, como ha dicho Soren Kierkegaard, ocuparse de lo inefable hasta enunciarlo; he aquí la ventaja y el secreto de la lengua cotidiana. Por ello el lógico polaco Tarski (que independientemente ha llegado al mismo resultado que el autor de este libro) tiene razón al decir que las lenguas cotidianas, al contrario que las otras lenguas, se caracterizan

por su «universalidad».” (Idem, 1971, p. 130)

Mas se deixarmos de ver a língua como um sistema virtual e passarmos a encarar este fato social na sua complexidade, incluindo as potencialidades do sistema e o uso efetivo que os falantes fazem dele, diremos que é lícito afirmar que a língua corresponde ao estágio cultural do seu povo. Nesse sentido, podemos entender por que Guimarães Rosa consideraria a língua falada no Brasil, nas cidades e nos sertões, mais rica que o latim dos doutos renascentistas. Enquanto a primeira tem um compromisso vivo com a sociedade, a segunda é um código improdutivo destinado a traduzir ideias preconcebidas em outros idiomas europeus. Mas isto é diferente de se afirmar que o português é superior ao latim, ou vice-versa. Significa, apenas, que determinadas línguas estão mais ou menos desenvolvidas para determinados fins. A língua dos esquimós está mais apta para “pensar” o objeto *gelo* do que a língua dos árabes do deserto. Por outro lado, a língua dos jagunços de Antônio Conselheiro leva vantagem sobre a dos esquimós para “pensar” no objeto *sertão*. Quanto a isso, um



lógiduzir a língua ao sistema, como o faz Saussure, por vários momentos abandona tal perspectiva e afirma que a língua põe limites ao mundo – o que tem significado idêntico à proposição de Wittgenstein.

O ensaio “A formação dos signos” conceitua o que Hjelmslev entende por *tabuismo* (de tabu), que é um fato presente não apenas nas sociedades primitivas, mas também nas culturas civilizadas. O chamado *palavrão* é um tipo interessante de signo-tabu, fazendo com que os fenômenos da vida sexual não sejam designados pelos seus nomes mais conhecidos. Os falantes procuram sempre um modo metonímico de denominar, ou lançam mão de termos eruditos e científicos, o que leva o fundador da glossemática a concluir que “no es la cosa em si, sino et signo lo que es un tabú”. (Idem, p. 83) Isto porque o signo implica um modo particular de ver e formar a coisa; muitas vezes, determinados signos-tabus desagradam às pessoas que não fazem a menor restrição às diversas formas chulas da linguagem coloquial.

Será que a aversão se origina do modo como tais signos circunscrevem o objeto? Determinados signos revelam de maneira evidente um

preconceito ou uma concepção peculiar de certos fenômenos. Pode ser esta a explicação para o mal-estar provocado em certas pessoas pelos signos-tabus; a formação, ou o modo de ver os fenômenos, que se revela em tais signos não corresponde à formação que essas pessoas gostariam de atribuir aos conteúdos.

Parece-me que as indagações acima encontram resposta favorável nos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, onde a noção de *função semiótica* implica a aceitação do fato de as semióticas *formarem* tanto as *expressões* quanto os *conteúdos* de modo particular, não universal. Para Hjelmslev, as línguas tanto têm uma *base articulatória* quanto uma *base conceitual*; é o que ele chama de *zonas de sentido*, acreditando que as diferenças não residem apenas nos elementos fônicos, mas também nos elementos semânticos. “Cada uma dessas línguas estabelece suas fronteiras na *massa amorfa do pensamento* ao enfatizar valores diferentes numa ordem diferente, de gravidade um destaque diferente”. (Idem, 1943, p. 57)

A propósito de certas concepções hjelmslevianas da linguagem, é possível tentar uma aproximação dos pontos de vista do fundador da glossemática com os de Sapir, conforme assevera Mattoso Câmara Jr.:

“Não é de estranhar, portanto, que o pensamento de Sapir tenha impressionado duas escolas européias, inegavelmente filiadas a Saussure: a «glossemática» do Círculo de Copenhague e a «fonologia» do Círculo de Praga. L. Hjelmslev, na notícia que em 1939 dedicou à morte de Sapir em *Acta linguística* (1, 76-7), que é órgão daquele primeiro Círculo, presta tributo ao mestre norte-americano e ao livro que aqui se traduz, como uma das fontes da concepção estruturalista que tem desenvolvido com seus companheiros de Copenhague”. (Câmara Jr. 1954, p 12-13)

Bastante difundido é o quadro esquemático de Hjelmslev que demonstra a imprecisão de correspondências, nas principais línguas da Europa, da formação das cores: o confronto entre o português e o galês, por exemplo, ilustra esta discordância. O que os falantes do português chamam de “verde”, tanto pode ser “gwyRDD” quanto “glass”, para o galês; ao tempo em que este segundo signo compreende também o nosso conceito de “azul” e uma parte do que chamamos de “cinza”. A palavra “lhwyd” tanto cobre parte do espectro que

percebemos como “cinza”, quanto todo o espectro do “marrom”.

Vejamos:

verde	gwyrrd
azul	glass
cinza	
marrom	llwyd

A ausência de concordância no interior de uma mesma zona de sentido, segundo Hjelmslev, encontra-se em toda parte. Entre diversos casos estudados, ele compara as correspondências de conteúdos como *árvore*, *bosque*, e *floresta*, em três línguas – dinamarquês, alemão e francês:

trae	Baum	arbre
	Holz	bois
skov	Wald	forêt

O modo diverso de conceber objetos concretos como os do esquema acima mostra como os falantes de uma língua percebem o mundo diferentemente dos de outra língua. O fato de o dinamarquês ter apenas dois signos para cobrir um campo semântico que a nossa língua reparte em três áreas pode deixar um falante de português perplexo. Se um signo recobrisse a área de dois – isto é, se “*trae*” compreendesse “árvore”, e “*skov*” englobasse tanto “bosque” quanto “floresta” –, o problema seria mais simples para nós. Mas a linha divisória dos dinamarqueses passa além da linha traçada pela língua portuguesa para distinguir *árvore* de *bosque*; o conteúdo do primeiro termo contém uma parte do conteúdo do segundo, assim como o restante do conteúdo do segundo pertence ao conteúdo de “*skov*”.

Imagine-se então como a discordância pode ser ainda maior se estivermos diante de objetos abstratos.

Este problema vem se incluindo entre as preocupações de Hjelmslev mesmo antes da elaboração dos *Prolegômenos*, livro escrito durante a ocupação alemã da Dinamarca. No capítulo de *A linguagem* intitulado “Tipologia dos usos linguísticos” (1971, p.151) ele já afirma-

va que o conteúdo da linguagem é o mundo que nos rodeia, cabendo à mesma modelar o pensamento e os sentimentos humanos. No contexto das coisas e das ideias, cada língua coloca seus limites; e uma palavra de uma língua não corresponde ao de outra, o que significa que qualquer tradução nunca será exata. Para Hjelmslev, a diferença existente entre as línguas, na diversidade dos sons e palavras, é tão grande quanto à diversidade das coisas. É como se cada língua tivesse suas próprias palavras para formatar e representar coisas percebidas só por elas.

## ENTRE O IDEAL E O REAL

Já que insistimos no caráter idealista da teoria da linguagem proposta por Hjelmslev, cabe destacar mais um momento realista na sua obra. Na introdução de *Sistema lingüístico y cambio lingüístico*, contrariando afirmações idealistas já discutidas, o mestre do Círculo de Copenhague lembra que as línguas estão sujeitas a modificações, e se transformam, necessariamente, para que possam acompanhar novos estados da sociedade, novas concepções de vida

e novas pessoas com diferentes experiências humanas.

“El latín clásico, tal como se hablaba en la república romana, fue durante mucho tiempo el idioma común de la ciencia y los filólogos clásicos se sirven de vez en cuando del latín en esta forma rígida y petrificada, donde están excomulgadas todas las modificaciones. Pero aquí se emplea la lengua de forma artificial y no natural. El latín como medio natural de comunicación se ha modificado. El latín que se hablaba en la república romana se presenta actualmente en su aspecto natural en las lenguas romances”. (Hjelmslev, 1976, p. 19)

Como se vê, a presença da massa falante constitui um elemento de vital importância para a caracterização da língua. Aqui, portanto, não é o sistema, enquanto possibilidade, que interessa, mas o seu uso efetivo. Hjelmslev envereda por considerações antropológicas e sociológicas quando incorpora a convicção de que existe uma dependência entre as condições naturais e as condições sociais que se desenvolvem, incluindo a língua entre esses fatos:

“Todos dependemos más de lo que suponemos del conjunto del medio ambiente en que vivimos” (cf. p. 30). E mais adiante, à página 34: “La lengua está en relación con el pensamiento, con toda la vida anímica del individuo, con la situación de la sociedad, con todo el desarrollo histórico”. Arremata que a linguística não é uma soma da lógica, da psicologia, da sociologia, da história, etc., mas possui uma natureza específica. E, na mesma passagem, estabelece o papel de uma teoria da linguagem que não se deixa condicionar por uma ideologia não-científica: “La tarea más elevada de la linguística es la de caracterizar la lengua tal como es en si misma a fin de demostrar precisamente por esto como trabaja en conjunto con los demás fenómenos presentes”. Pena que esta proposição tenha sido vencida pela parcialidade estruturalista que isola a língua dos demais fatos sociais.

Hjelmslev viveu um momento da ciência linguística em que, como consequência da obra de Saussure, era possível a discordância entre sincronistas e diacronistas. O objeto *língua* seria compreendido, então, de duas formas que lhe parecem corretas.



Na realidade, cada indivíduo fala sua língua especial, que é uma nova língua, em momentos diferentes, ele afirma; e acrescenta:

“La lengua es la actividad que se presenta en la comunidad lingüística y esta actividad varía en su forma de acuerdo con la constitución y el temperamento de los individuos e no se encuentra nada realmente existente excepto esta actividad variada. Una lengua como el danés es igual a la suma de las expresiones lingüísticas que se producen y no otra cosa. En el momento en que estas expresiones lingüísticas cesaren no quedaría nada que pudiera llamarse lengua danesa”. (Idem, p. 40)

E observa ainda, na página seguinte:

“De la misma forma en que directamente ante nuestros ojos no existe una rosa ideal sino solamente diferentes rosas individuales, que se diferencian en si en color, aroma y forma, tampoco existe la norma lingüística como objeto directamente palpable; el concepto rosa lo producimos al abstraer todas las peculiaridades comunes a todas las

rosas individuais, y del mismo modo producimos el concepto norma lingüística al abstraernos para llegar a aquello oque es común y determinante a todas las prácticas de la lengua constatadas.”

Esta é a concepção de língua, defendida pelos partidários da diacronia, que Hjelmslev considera digna de ser aproveitada pela outra corrente.

A partir das propostas sincrônicas de Saussure, mesmo se admitindo a língua como um todo, por uma questão de método, são introduzidas três distinções, assim apresentadas:

1) A língua significa a atividade, ou a língua do indivíduo num momento determinado – *parole*.

2) Significa também uma instituição de caráter social ou nacional, considerada, de um lado, como a característica de um povo num período histórico, e, do outro, como um conjunto de regras e estatutos acatados pelos indivíduos para que se realize a comunicação lingüística – *langue*.

3) A língua pode significar ambas as coisas ao mesmo tempo, tanto atividade quanto ins-

tuição, de forma que não sejam levados em conta os traços nacionais, mas a atividade linguística em geral – *langage*.

Depois de analisar estas três divisões, Hjelmslev propõe que se chame toda a série de fenômenos de natureza diversa de linguagem, *langage*, aceitando a definição que atribui a esta um caráter amplo e impreciso – embora sua teoria pretenda o contrário.

Diretamente acessível à nossa observação está a prática isolada da língua, pelo indivíduo, a fala, *parole*.

Da comparação da prática de diversos indivíduos, o observador, mediante uma primeira abstração, chega à língua, no sentido mais estrito da palavra, a *langue*.

Hjelmslev propõe que se considere também o resultado de uma grande maioria de práticas, o uso da língua que domina uma zona determinada, *usus*.

Mediante mais uma abstração, o observador chega ao que não é apenas uso e costume, a “algo que nadie puede contravenir, si quiero practicar la lengua sin dar lugar a malentendidos, la *norma*”. (Idem, p. 56) E mediante uma terceira abstração, chega, dentro da norma, a uma zona mais reduzida em que os elementos

isolados estão em mútuas relações fixas; é o que ele chama de *sistema*. Como se vê, a origem da distinção tripartida de Coseriu, *sistema*, *norma* e *fala*, está em Hjelmslev, cabendo a Coseriu aproveitar a distinção hjelmsleviana numa perspectiva realista, valendo-se dos métodos e conquistas estruturalistas do mestre de Copenhague, sem se deixar influenciar por concepções idealistas que isolam a língua do contexto humano em que é produzida.

## CHOMSKY: DA ESTRUTURA PROFUNDA E “UNIVERSAL”

Ao aceitar a distinção feita por Du Marsais, em *Logique et principes de grammaire*, de 1769, entre *construção* e *sintaxe*, Noam Chomsky elaborou a sua teoria gerativa como um passo à frente dos estruturalistas que o antecederam, mais preocupados com a fonologia e a fonética, como demonstram as análises estruturais limitadas a estes dois aspectos. Compreendendo a construção como o modo de dispor as palavras, ou “l’arrangement des mots dans le discours”, conforme as palavras de Du Marsais, e a sintaxe como o estudo das relações entre as mesmas, “rapports que les mots ont entre eux”, temos três construções distintas e uma única sintaxe para as seguintes frases, nas quais as relações são idênticas entre os elementos constituintes:

- a) Accepi litteras tuas.
- b) Tuas accepi litteras.
- c) Litteras accepi tuas.

Tal constructo teórico é perfeitamente possível a partir de uma língua como o latim ou como o português e outras línguas modernas: recebi cartas tuas, tuas cartas recebi, recebi tuas cartas. Nasce assim a distinção entre estrutura profunda e estrutura superficial, na gramática gerativa e transformacional, uma vez que a sintaxe se refere à primeira estrutura e a construção, à segunda.

O passo efetivo de Chomsky na sua *Linguística cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista* (p. 59) pela superação do estruturalismo, movimento ao qual ele acredita não pertencer, reside na sua maior atenção a concepções filosóficas como a estrutura profunda. Mas como ele se vincula à ideologia neopositivista, de base idealista, que caracteriza parte considerável do estruturalismo, seus estudos estão circunscritos ao plano da expressão, única realidade imanentemente linguística para esse tipo de pensamento. Vejamos, através de suas próprias palavras (Chomsky, 1972, p. 45), como a língua está reduzida à mera re-

apresentação de concepções transcendentais: “Em resumo, a linguagem tem um aspecto interno e um aspecto externo. Uma frase pode ser estudada do ponto de vista da maneira como exprime um pensamento ou do ponto de vista de sua forma física, isto é, do ponto de vista da interpretação semântica ou da interpretação fonética”.

É importante destacar o fato de Chomsky aceitar a distinção feita por Descartes entre *corpo* e *espírito*, que levou a linguística cartesiana, através da sua mais nova reaparição, o gerativismo, a admitir que a linguagem tem dois aspectos absolutamente distintos. Assim como as ideias platônicas, de um lado, e as coisas, do outro, as últimas seriam simples cópias das primeiras, pertencentes a um plano transcendente.

Do mesmo modo que no sistema filosófico de Platão as ideias e as coisas compartilham de planos distintos, sendo as primeiras inteiramente desvinculadas das segundas, para a linguística gerativa, o pensamento independe da linguagem, que é uma mera representação dessa realidade universal. Como bem se vê, todo o problema se resume a Platão, de um lado, e Aristóteles, do outro; um acreditando na separação das ideias e dos objetos, e o ou-

tro proclamando que ambos coexistem através de uma função recíproca. Assim como, de modo geral, a filosofia moderna se debate entre estes dois pólos, a teoria da linguagem se filia a estas duas concepções, gerando as diversas correntes. A presente dissertação é uma tentativa de discussão das duas vertentes, filiando-se à segunda, a tradição aristotélica, sendo por isso mesmo contrária aos pressupostos idealistas nos quais se baseiam tanto o estruturalismo saussureano quanto a versão chomskyana.

Noam Chomsky define claramente sua posição quando afirma à página 47: “A estrutura profunda que exprime o significado é comum a todas as línguas, tal é o que se pretende, sendo simples reflexo das formas de pensamento”. Logo nas páginas iniciais de outro livro, fundamental, *Aspectos da teoria da sintaxe*, ele discute o ponto de vista de Diderot, segundo o qual, seja qual for “l’ordre des termes dans une langue ancienne ou moderne, l’esprit de l’écrivain a suivi l’ordre didactique de la syntaxe française”; ou ainda: “Nous disons les choses em français, comme l’esprit est forcé de les considérer em quelque langue qu’on écrive”. (Diderot: *Letter sur lês sourdes et muets*).



*Oeuvres complètes de Diderot*, Vol. I, Paris, Garnier Frères, 1875, p. 390 e 371, apud Chomsky: *Aspectos da teoria da sintaxe*, p. 87.)

Quem hoje em dia poderia aceitar o francocentrismo de Diderot, ao afirmar que a ordem dos termos nas várias línguas é a mesma, onde o falante é obrigado a seguir a ordem da sintaxe francesa?

Embora não endosse tais palavras, que podem parecer anedóticas a um linguista moderno, o criador da sintaxe gerativa classifica o raciocínio de Diderot como de uma “coerência admirável” (p. 87), naquilo que dizem respeito à estrutura profunda.

Compromete, assim, todo o seu esforço científico com a hipótese segundo a qual a língua é uma mera listagem de expressões à disposição do falante, para traduzir um modo universal de pensar e conceber o mundo. O perigo de uma teoria dessa ordem, e de um ponto de vista como o de Diderot, é dar margem ao etnocentrismo mas absurdo. Acreditando em verdades ou em concepções universais, tendemos a identificar nossa perspectiva como verdadeira, não-ideológica, vendo as demais como simples variações ou distorções do universal e absoluto.

Nosso primeiro contato com o problema se deu durante o curso sobre Sintaxe do Português Contemporâneo, ministrado por Nelson Rossi, na Pós-Graduação em Letras da UFBA, no segundo semestre de 1977. Nessa ocasião, apresentamos um trabalho intitulado *Estrutura profunda e forma do conteúdo*, cuja síntese acreditamos ser de alguma utilidade para melhor entendimento do raciocínio aqui seguido:

Compreendemos a estrutura profunda como uma estrutura teórica, uma entidade abstrata, deduzida a partir da estrutura superficial, como instrumento operacional.

Essa não é a visão dos gerativistas, para os quais a estrutura profunda é uma realidade que compreende as várias línguas, sendo portanto uma entidade global, a partir da qual são derivadas as estruturas superficiais particulares de cada língua.

Daí a nossa tentativa de confronto entre *estrutura profunda*, na teoria de Chomsky, e *formas do conteúdo*, na de Louis Hjelmslev, posteriormente retomada pela semiótica moderna, no livro de Umberto Eco *Le forme del contenuto*.

Hjelmslev parte de um ponto de vista oposto, ao afirmar que não existe formação universal, mas apenas um princípio universal de formação. Sendo assim, estrutura profunda e forma do conteúdo não se relacionam, pois a primeira é universal e a segunda, peculiar a cada língua, não se tratando, por conseguinte, do mesmo objeto visto por duas metalinguagens diferentes.

Se o conteúdo se forma diferentemente nas várias línguas e a estrutura profunda compreende a estrutura global do pensamento, não há possibilidade de correspondência. O *plano do conteúdo* em Hjelmslev, sob esse aspecto, só poderia se aproximar do *sub-componente transformacional*.

Aceitando a estrutura profunda, não se pode admitir a possibilidade de se pensar numa língua, nem a existência de *unidades culturais*, verificáveis pelos antropólogos, nem de formações de conteúdos específicos de determinados grupos em determinadas línguas.

O pensamento seria universal, obedecendo a uma forma comum e geral, segundo os pressupostos filosóficos de Chomsky, enquanto para Hjelmslev *a língua é o fio no qual o pensamento está intimamente tecido*.

Partindo do axioma de Saussure de que língua é forma, esse sentido amorfo que é o pensamento só se efetivaria através de uma estrutura formal. Por exemplo: o pensamento matemático só existe porque é formado pelo conjunto de signos que compõem a semiótica matemática. Assim, são as diversas linguagens simbólicas que possibilitam o pensamento como tal.

Para admitir o pensamento independente de uma semiótica, precisaríamos admitir a existência de uma cultura que não utilizasse nenhum tipo de linguagem e se comunicasse através de impulsos de energia mental. Mas até se provar a possibilidade de existência de tal fato, a única hipótese convincente é a de que a formação se dá através das linguagens ou das semióticas.

## UMA LINGUÍSTICA CARTESIANA

Herdeiro do idealismo neopositivista ou do estruturalismo, Chomsky (1975, p. 203) proclama não só a excelência da gramática tradicional, como também insiste na importância do século XVII para a formação do pensamento

moderno: “Toda a informação de que dispomos hoje em dia parece-me mostrar que, na sua maior parte, os pontos de vista tradicionais eram corretos, nas matérias abordadas, e que as inovações surgidas são totalmente injustificadas.” Desse modo, sustenta o seu trabalho de linguista nos pressupostos e hipóteses dos séculos XVII, XVIII e início do XIX, erigidos à categoria de verdades científicas. A crítica imediata que se pode fazer à sua teoria da linguagem é a de que está sustentada em pontos de vista de determinadas escolas filosóficas – como tais, sujeitos à refutação por parte das escolas mais recentes –, por ele aceitos, aprioristicamente, como verdades demonstradas, dispensando qualquer prova ou discussão; embora da sua aceitabilidade dependa toda a teoria.

Assim é que, no âmbito da própria linguística gerativa e transformacional, surgiram as divergências, como a constituição da semântica gerativa, em oposição ao modelo chomskyano que considera a semântica como interpretativa. O conceito de estrutura profunda é negado por alguns linguistas e, já em 1968, Lakoff e Ross, no artigo “Is deep structure necessary?”, sintetizando as opiniões de outros gerativistas,

questionavam a existência ou a necessidade de se falar dessa estrutura, afirmando:

“We believe semantics may be generative, for the following reasons: 1) There has never been any argument that semantics be interpretative and syntax generative, and 2) As far as we know, there are only four types of arguments for the existence between semantic representation and surface structure of an intermediate level which any theoretical significance”. (Lakoff & Ross, 1968, p. 2)

Examinam as quatro razões e consideram desnecessária a concepção de tal estrutura, uma vez que, para eles, não existem fronteiras entre sintaxe e semântica, podendo-se passar diretamente da representação semântica à estrutura superficial.

Mas voltemos aos pressupostos filosóficos de Chomsky. No importante livro *Linguística cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*, ele se refere à conclusão de Humboldt segundo a qual a força que gera a linguagem é indistinguível da que gera o pensamento. Faz alusão à tradição compartilhada

pelos pensadores que podemos caracterizar como românticos (tradição que compreende desde Rousseau e Condillac até os ideólogos franceses e o materialismo dialético alemão), segundo a qual a língua não é um fato isolado dos demais fatos sociais. Proudhon, anarquista e socialista utópico que se notabilizou principalmente pelas possíveis semelhanças e incompatibilidades existentes entre o seu pensamento e o de Marx (que se tornou seu correspondente), num projeto de estudo apresentado à Academia de Besaçon, em 1837, tencionava chegar a uma gramática geral, na qual as ideias não estavam dissociadas da língua. Por isso, procurava novos caminhos para a filosofia e a psicologia, pretendendo

“étudier la nature et le mecanisme de l’esprit humain dans la plus apparente et la plus saisissable de ses facultes, la parole; déterminer, d’après l’origine et les procédés du langage, la source et la filiation des croyances humaines; appliquer, em um mot, la grammaire à la métaphysique et à la morale, et réaliser une pensée qui tourmente de profonds génies”. (Proudhon, 1875, p. 31)

Avaliando o papel de tais concepções filosóficas e linguísticas no período que procedeu a chamada linguística moderna, Chomsky demonstra como a ciência atual abandona as ideias defendidas pelos estudiosos do século XIX em favor do período precedente, realizando assim a dialética que constitui o próprio processo de evolução do conhecimento. No livro *Linguística cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista* (p. 41), ele já admite o papel ativo da língua: “Do outro lado, a observação de que a linguagem serve de instrumento do pensamento começa a ser reformulada na concepção de que a linguagem tem uma função constitutiva com respeito ao pensamento”. Tal registro demonstra o quanto modernamente as teorias de Humboldt – segundo o qual o homem vive com os objetos, mas a sua ação e o seu sentimento dependem das ideias e do modo como são formulados pela linguagem – ganham vulto e exigem um reestudo, através da sua verificação empírica.

Concluindo o ensaio “O aspecto criador do uso da linguagem”, que abre o volume *Linguística cartesiana*, Chomsky deixa entrever por que abandona intencionalmente uma direção que se impõe à nova linguística (especialmen-



te à sociolinguística – por isto mesmo, incompatível com os princípios da linguística gerativa e transformacional), em favor dos pressupostos cartesianos que norteiam sua teoria da linguagem. Segundo a concepção cartesiana, os processos mentais são comuns a todos os homens, razão pela qual as línguas diferem quanto à expressão, mas não quanto ao conteúdo. Cordemoy descreve a aquisição de uma segunda língua como uma questão de atribuir novas expressões às ideias, não havendo maiores dificuldades na tradução de uma língua para outra. Como disse Chomsky, essa simplificação do problema foi rejeitada pelos românticos, que compreendiam a língua não apenas como “espelho do espírito”, mas como elemento formativo de processos mentais.

Vejam, através das suas próprias palavras, como Chomsky, mesmo reconhecendo a importância dos pontos de vista como o de Humboldt, adere a uma concepção universalista: “Sob o impacto do novo relativismo dos românticos, a concepção da linguagem como instrumento constitutivo do pensamento sofre significativa modificação”. E conclui com uma honesta demonstração da parcialidade da sua teoria: “Este desenvolvimento porém não faz

parte do nosso tema principal; sua elaboração moderna é conhecida e não o discutirei mais aqui”. (Chomsky, 1972, p. 41)

## A GRAMÁTICA FILOSÓFICA

Na série de conferências sobre o tema “Linguagem e pensamento”, proferidas na Universidade da Califórnia, o autor dos *Aspectos* demonstra como, nos últimos tempos, a linguística, a filosofia e a psicologia tentaram, com dificuldade, separar seus campos de estudo. Para ele, essa separação, um tanto artificial, está chegando ao fim, uma vez que tais disciplinas não mais estão preocupadas em demonstrar sua independência em relação às outras, surgindo novos interesses que exigem a formulação dos problemas clássicos sob a luz das modernas conquistas científicas. Considera a linguística como uma disciplina empenhada no estudo do pensamento – o que parece entrar em choque com a sua teoria da linguagem, quando reduz a estrutura profunda à condição de mero sistema de correspondências entre frases e ideias. Há, por conseguinte, uma distância razoável entre os propósitos de Choms-

ky e a sua execução. Assim é que, ao lado de uma contribuição admirável à moderna linguística, percorre caminhos tão equívocos quanto os que ele próprio critica. Vejamos, por exemplo, duas críticas suas: uma, à maneira pouco responsável como a gramática filosófica é tratada modernamente, e outra, ao estruturalismo, em oposição ao gerativismo.

Para ele, nem mesmo Bloomfield consegue traduzir o verdadeiro espírito da gramática filosófica, fazendo uma descrição inteiramente oposta ao que ela realmente pretende e consegue. Normalmente, a gramática filosófica é vista como prescritiva e baseada no modelo latino, o que Chomsky considera inteiramente falso:

“É particularmente irônico que a gramática filosófica tivesse sido acusada de inclinação pelo latim. De fato, é significativo que as obras originais – a *Gramática* e a *Lógica* de Port-Royal, em particular – tivessem sido escritas em francês, pois justamente faziam parte do movimento destinado a substituir o latim pelo vernáculo. O fato é que o latim era considerado uma língua artificial e distorcida, uma língua positivamente pre-

judicial ao pensamento claro e ao discurso de bom senso a que os cartesianos davam tanto valor. Os profissionais da gramática filosófica usavam os materiais linguísticos que lhes eram acessíveis; é notável que alguns dos temas estudados com maior carinho e persistência durante mais de um século eram pontos de gramática que nem mesmo tinham análogo em latim”. (Chomsky, 1972, p. 28)

Mas na sua defesa da gramática filosófica, Chomsky não faz restrição alguma ao fato de os solitários de Port-Royal sustentarem as concepções universalistas num preconceito inteiramente centrado numa cultura e numa língua, a cultura e a língua deles mesmos, como se o universo girasse em torno do umbigo francês. O latim é considerado artificial porque a sua estrutura não corresponde exatamente à do francês, sendo inconcebível para os cartesianos o fato de alguém poder pensar segundo os modelos de uma outra língua, já que o modelo universal do pensamento seria o usado por eles, e não pelos alemães, ou pelos árabes.

Tudo isso deriva do fato de Descartes admitir a existência de um pensamento extralin-

guístico, que vê a língua como uma das causas dos nossos erros, por ser uma intermediária desnecessária entre as ideias e os objetos que constituem o universo. Muito oportunamente, Julia Kristeva, no capítulo “A Gramática de Port-Royal” da sua *História da linguagem* comenta à página 226: “É um fenômeno paradoxal que uma filosofia, a de Descartes, passando além da linguagem, se torne – e isso até aos nossos dias – o fundamento do estudo da linguagem.”

Como as ideias não são uma realidade *a priori*, independente dos objetos, mas uma consequência do processo de interação entre o mundo externo e a subjetividade do homem, expressa através da linguagem, a teoria de Chomsky que concebe a existência de ideias inatas, independentes da cultura e do indivíduo, não encontra ressonância nos trabalhos dos sociolinguistas, nem nas verificações práticas de antropólogos e etnólogos. Já Malinowsky, que na década de 20 desenvolveu a tese de que a estrutura linguística é reveladora da estrutura social, reafirma adiante:

“E o principal resultado da nossa análise foi que é impossível traduzir palavras de uma

língua primitiva ou de uma acentuadamente diferente da nossa sem dar uma explicação detalhada da cultura de seus usuários e fornecendo, assim, a medida comum necessária para uma tradução. Mas, conquanto seja indispensável uma base etnográfica para um tratamento científico de uma linguagem, ela não é suficiente de maneira alguma, e o problema do Significado requer uma teoria própria. Tentarei mostrar que, observando a linguagem segundo a perspectiva etnográfica e usando o nosso conceito de *contexto de situação*, estaremos habilitados a esboçar uma teoria semântica útil nos trabalhos de investigação sobre a Linguística Primitiva e a projetar alguma luz sobre a linguagem humana em geral.” (Malinowski, 1972, p. 307)

Sabendo o quanto incomoda aos linguistas da corrente, ou da escola, fricoteira uma designação como “língua primitiva”, convém chamar atenção para o fato de o adjetivo “primitivo” poder ser empregado em oposição a “derivado”, ou seja, “mais desenvolvido”, tecnicamente, ou em outro aspecto particular. Embora uma parte da linguística de tradição es-

truturalista não admita a existência de tal fato, uma vez que considera apenas o sistema, e não o processo, ou as potencialidades sistemáticas, e não o seu efetivo emprego; é inegável o fato de que existem línguas que formam um grupo oposto a outras: as primeiras mantêm uma espécie de semelhança com a metaforização da linguagem poética, não precisando conceitos julgados essenciais ao estágio tecnológico da cultura de tradição linguística indo-européia, mas utilizando uma forma tropológica de referência – são as primitivas; as do outro grupo são as civilizadas, ou desenvolvidas – segundo João Guimarães Rosa, gastas pelo uso e comprometidas com o dizer, em oposição às primeiras, que são ricas de elementos “que não são captados pela razão; a gente tem de utilizar outras antenas”. (Rosa, 1971, p. 303)

Em “Uns índios (sua fala)” Guimarães Rosa conta sua experiência no Arraial de Limão Verde, formado por cerca de 60 famílias índias:

“Apenas tive tempo de ir anotando meu pequeno vocabulário, por lembrança. Mais tarde, de volta a Aquidauna, relendo-o dei conta de uma coisa, que era uma descoberta. As cores. Eram:

*vermelho – a-ra-ra-i´ti*

*verde – ho-no-no-i´ti*

*amarelo – he-ya-i´ti*

*branco – ho-po-i´ti*

*preto – ha-ha-i´ti*

Sim, sim, claro: o elemento *i´ti* devia significar “cor” – um substantivo que se sufixaria; daí, *a-ra-ra-i´ti* seria “cor de arara”; e por diante. Então gastei horas, na cidade, querendo averiguar. Valia. Toda língua são rastros de velho mistério. Fui buscando os terrenos moradores em Aquidauana: uma cozinheira, um vagabundo, um pedreiro, outra cozinheira – que se sussurraram longas coisas, em sua fala abafada, de tanto finco. Mas *i´ti* não era aquilo.

Isto é, era e não era. *I´ti* queria dizer apenas ‘sangue’. Ainda mais vero e belo. Porque, logo fui imaginando, *vermelho* seria ‘sangue de arara’; verde, ‘sangue de folha’, por exemplo: *azul*, ‘sangue do céu’; *amarelo*, ‘sangue do sol’; etc. Daí, meu afã de poder saber exato o sentido de *hô-no-nó*, *hô-pô*, *há-há* e *he-yá*.

Porém não achei. Nenhum – dizia-me – significa mais coisa nenhuma, fugia pelos fundos da lógica. Zero, nada, zero. E eu não podia dei-



zar lá minha cabeça, sozinha especulando, *Nakô i-kô?* Uma tristeza.” (Rosa, 1970, p. 89-90)

Igualmente, não há nenhum demérito em se caracterizar um tipo de concepção como pensamento selvagem, como o faz Claude Lévi-Strauss.

Voltemos assim ao ensaio “O problema do significado em linguagens primitivas”, onde, contrariando as afirmações de Chomsky, Malinowsky constata: “O estudo do texto nativo acima demonstrou que uma locução só se torna compreensível quando a interpretamos pelo seu contexto de situação.” (Malinowski, 1972, p. 307) Para ele, a língua está de tal forma comprometida com a realidade cotidiana dos povos que não se pode compreender uma independentemente da outra.

Passemos agora à crítica de Chomsky ao estruturalismo, que, segundo ele, se limitou à análise da estrutura superficial, ou às propriedades formais explícitas do sinal e às frases e unidades que podem ser determinadas através das técnicas de segmentação e classificação. Embora tal limitação do objeto tenha sido proposital e, por isto, considerada responsável pelo aprimoramento dos métodos linguísticos,

Chomsky discorda desse ponto de vista, por impedir a compreensão do objeto em sua totalidade. Por outro lado, admite que Saussure conseguiu ir além dos seus antecessores, mas se afastou da tradição da gramática filosófica:

“Algumas vezes expressou a opinião de que os processos de formação de sentenças não pertencem de todo ao sistema da linguagem, de que o sistema da linguagem restringe-se às unidades linguísticas como sons e palavras e talvez algumas poucas frases fixas e um pequeno número de arranjos muito gerais. Os mecanismos da formação das sentenças são, de outro modo, livres de qualquer coação imposta pela estrutura linguística enquanto tal. Assim, nos próprios termos usados por ele, a formação de sentença estritamente não é uma questão de *langue*, mas é atribuída antes ao que chamou *parole*, sendo colocada assim fora do campo da linguística propriamente dita; é um processo de criação livre, que não sofre coação pelas regras linguísticas, exceto na medida em que essas regras governam as formas das palavras e os arranjos dos sons. Nesta concepção, a sintaxe é um assunto

trivial. E de fato há muito pouco trabalho sobre sintaxe durante todo o período da linguística estrutural.” (Chomsky, 1973, p. 34-35)

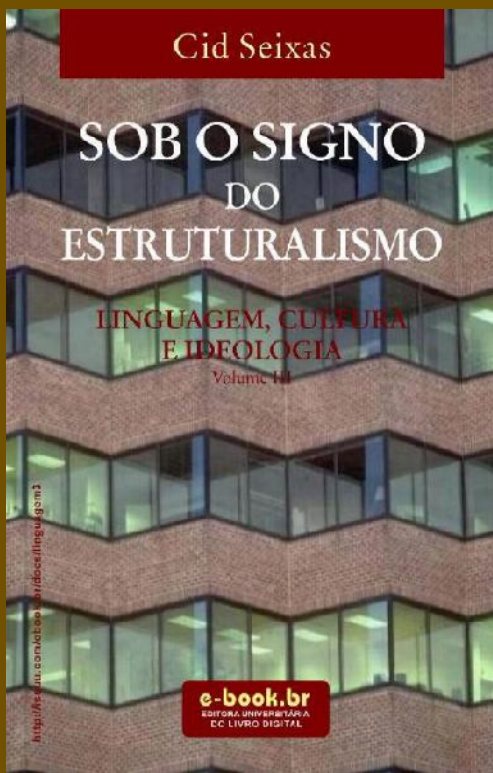
Considerando-se não mais pertence à tradição estruturalista, pois propõe unir o estruturalismo à gramática filosófica, Chomsky mantém, no entanto, uma característica cuja identificação é fundamental ao estudo do nosso problema – *Linguagem, cultura e ideologia* – que é o idealismo disfarçado em atitude científica, involuntariamente incorporado à ideologia norte-americana.

É verdade que a linguística gerativa ampliou as perspectivas do estruturalismo, propondo o estudo da estrutura profunda; mas, segundo Adam Schaff, no artigo “A gramática gerativa e a concepção das ideias inatas”, a teoria da dupla articulação da linguagem já tinha feito isto, embora de modo menos explícito, ou com outros rótulos. (Schaff, 1975, p. 17) Mais adiante, à nota nº 15 da p. 76, lê-se: “De acordo com R. Jakobson, a prioridade neste aspecto caberia à obra de D. Bubrix, “Nieskolko slov o ptokie rietchi”, *Bulletin Lojkjun*, 1930, nº 5.”

O que se viu com relação ao estruturalismo foi o constante perceber que a excessiva limitação imposta ao objeto, para se atingir o estatuto de ciência, comprometia o resultado das investigações. Tanto assim que um outro estruturalista, Louis Hjelmslev, sob o pretexto de recolocar o pensamento saussuriano, desfigurado pelos seus seguidores, afirma que a linguagem é constituída por *expressão* e *conteúdo*, conforme já vimos anteriormente. Já Eugenio Coseriu (1958), no livro *Sincronia, diacronia e historia: el problema del cambio lingüístico*, fala em língua abstrata e língua concreta, e, em *Sistema, norma y habla*, vai além da dicotomia saussuriana. No capítulo “Importancia y utilidad de la distinción tripartida”, ele demonstra como essa distinção se manifesta nos próprios aspectos formais do falar concreto: “Por otro lado, la distinción entre norma y sistema aclara mejor el funcionamiento del lenguaje, la actividad lingüística, que es, al mismo tiempo, creación y repetición (recreación), dentro del marco y según las coordenadas del sistema funcional (es decir, de lo que es imprescindible para que el lenguaje cumpla con su función); movimiento obligado y movimiento libre, dentro de las posibilidades

ofrecida por el sistema.” (Coseriu, 1973, p. 104)

Numa síntese, o que se tenta recusar na obra de Chomsky, cuja contribuição à linguística é das mais estimulantes desse século, é o fato de, partindo de uma perspectiva cartesiana, entender a linguagem como descomprometida com a prática humana – independente, por conseguinte, das especificidades das culturas e das concepções ditadas pela ideologia das classes sociais e dos povos. Uma língua concebida de tal forma não passa de mera nomenclatura, incapaz, portanto, de figurar como fato social, que influencia e é influenciado pelas relações dos homens e das sociedades.



Onde ler os volumes já publicados:

<https://issuu.com/ebook.br/docs/linguagem1>

<https://issuu.com/ebook.br/docs/linguagem2>

<https://issuu.com/ebook.br/docs/linguagem3>

<https://issuu.com/ebook.br/docs/linguagem4>

<https://issuu.com/ebook.br/docs/linguagem5>

## REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. Ideologia, in —: *Dicionário de filosofia* [Dizionario di filosofia], trad. Alfredo Bosi et alii. São Paulo, Mestre Jou, 1970, p. 506-508.
- AGOSTINHO, Pedro. *Kwarip: mito e ritual no Alto Xingu*. São Paulo, Pedagógica e Universitária/USP, 1974, 246 p.
- AGOSTINHO, Santo (388). De magistro, in —: *Ospensadores*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 289-324.
- ALBERT, Hans. Ideologia e metodologia: o problema da justificação e da crítica da ideologia, in —: *Tratado da razão crítica* [Traktat über Kritische Vernunft], trad. Idalina A. da Silva et alii. Rio, Tempo Brasileiro, 1976, p. 110-114.
- ALBERT, Hans. O problema da ideologia em perspectiva criticista, in —: *Tratado da razão crítica* [Traktat über Kritische Vernunft], trad. Idalina A. da Silva et alii. Rio, Tempo Brasileiro, 1976, p. 410-414.

---

Incluem-se neste item tanto as referências às obras citadas nos cinco volumes de *Linguagem, cultura e ideologia* quanto a bibliografia geral consultada e não referenciada.

- ALBERT, Hans. Pensamento analítico: a filosofia como análise da linguagem, In —: *Tratado da razão crítica* [Traktat über Kritische Vernunft], trad. Idalina A. da Silva et alii. Rio, Tempo Brasileiro, 1976, p. 172-177.
- ANDRADE, Mário. (1940) A língua radiofônica, in —: *O empalhador de passarinho*, 3ª ed., São Paulo, Martins/INL, 1972, p. 205-210.
- ANDRADE, Mário. A língua viva, in —: *O empalhador de passarinho*, 3ª ed., São Paulo, Martins/INL, 1972, p. 211-215.
- ANDRADE, Mário. O baile dos pronomes, in —: *O empalhador de passarinho*, 3ª ed., São Paulo, Martins/INL, 1972, p. 263.265.
- AQUINO, Sto. Tomás de. Ver: Tomás de Aquino, Santo.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*, trad. Leonel Vellandro. Porto Alegre, Globo, 1969, 212 p. (Biblioteca dos séculos)
- ARISTÓTELES (335 a. C). *Poética*, trad., comentários e notas de Eudoro de Souza. Porto Alegre, Globo, 1966, 266 p. (Biblioteca dos séculos)
- BACON, Francis (1620). *Novum organum. Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza* [Pars secunda operis quae dicitur novum organum sive indicia vera de interpretatione naturae], trad. José Aluysio R. de Andrade, in Francis Bacon, *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1973, p. 7-237.
- BAKHTIN, Mikhail (1929): *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [Marksizm i filosofija jazyka]; trad. (da ed. francesa) Michel Lahud et alii; prefácio de Roman Jakobson. São Paulo, Hucitec, 1979, 182 p.
- BORBA, Francisco da Silva. *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. São Paulo, Nacional/USP, 1971, 152 p.
- BRIGHT, William. Dialeto social e história da linguagem [Social dialect and language history], trad. Elizabeth



- Neffa, in Maria Stella Fonseca & Moema F. Neves, *Sociolingüística*. Rio, Eldorado, s. d., p. 41-47.
- BRIGHT, William. Las dimensiones de la sociolingüística, in Paul Garvin & Yolanda Lastra Suárez, *Antología de estudios de etnolingüística y sociolingüística*. México, Universidad Nacional Autónoma, Instituto de Investigaciones Antropológicas, 1974, p. 179-202.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. Rio, J. Ozon, 1974, 410 p.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa, 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1972, 118 p.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. O estruturalismo lingüístico. *Revista Tempo Brasileiro. Estruturalismo*, 3ª ed., Rio, Tempo Brasileiro, nos. 15/16, 1973, p. 5-43.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. Como introdução aos estudos superiores de língua portuguesa, 4ª ed., Rio, Acadêmica, 1973, 334 p.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Prefácio do tradutor. In: SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala* [Language: an introduction to the study of speech], trad. Mattoso Câmara Jr. Rio, Instituto Nacional do Livro, 1954, 232 p.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Roman Jakobson e a lingüística, in Jakobson, *Lingüística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 165-174 (Debates 22).
- CAMPOS, Haroldo de. O poeta da lingüística, in Jakobson, *Lingüística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 183-193 (Debates 22).
- CASSIRER, Ernst (1944). *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana* [An essay on man. An introduction to a philosophy on human culture], trad. Vicente Queiroz, 2ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1977, 280 p.
- CASSIRER, Ernst (1923). *La Philosophie des formes symboliques*; v. 1: *Le Language*. Paris, Minuit, 1953, 353 p.

- CASSIRER, Ernst (1923). *La Philosophie des formes symboliques*; v. 2: *La pensée mythique*. Paris, Minuit, 1953, 344 p.
- CASSIRER, Ernst (1925). *Linguagem e mito* [Sprache und Mythos: Ein Beitrag zum Problem der Goettemamen], trad. J. Guinsburg & M. Schnaiderman. São Paulo, Perspectiva, 1972, 132 p. (Debates 50).
- CASSIRER, Ernst. Le langage et la construction du monde des objets, in —: *Essais sur le langage*. Paris, Minuit, 1969, p. 37-68 (Le sens commun).
- CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe* [Aspects of the theory of syntax], trad., introd., notas e apêndices de José A. Meireles & Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, Aménio Amado, 1975, 372 p. il.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e pensamento* [Language and mind], trad. Francisco M. Guimarães, 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1973, 128 p.
- CHOMSKY, Noam. *Linguística cartesiana. Um capítulo da história do pensamento racionalista* [Cartesian linguistics. A chapter in the history of rationalist thought], trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis, Vozes/USP, 1972, 120 p.
- COMBLIM, Joseph. *A ideologia da segurança nacional. O problema militar na América Latina*. Rio, Civilização Brasileira, 1978, 254 p.
- COMTE, Augusto. Linguagem, in Evaristo de Moraes Filho (org. e trad.), *Augusto comte: sociologia*. São Paulo, Ática, 1978, p. 130-133 (Grandes cientistas sociais 7).
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de (1798). A língua dos cálculos [Le lague des calculs], trad. Carlos A. Moura, in Condillac et alii, *Textos escolhidos*. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 135-158 (Os Pensadores).
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de (1780). Lógica ou os primeiros desenvolvimentos da arte de pensar [Logique], trad. Nelson Aguiar, in Condillac et alii, *Textos escolhi-*

- dos, 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 61-134 (Os Pensadores).
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de (17..). Resumo selecionado do Tratado das sensações [Extrait raisonné du Traité des sensations], trad. Carlos A. Moura, in Condillac et alii, *Textos escolhidos*, 2ª ed., Abril Cultural, 1979, p. 43-59 (Os Pensadores).
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de (1740). Tratado dos sistemas [Traité des systèmes], trad. Luiz Monzani, in Condillac et alii, *Textos escolhidos*, 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 1-42 (Os Pensadores).
- CORBUSIER, Roland. *Enciclopédia filosófica*. Petrópolis, Vozes, 1974, 204 p.
- COSERIU, Eugenio. Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje, in —: *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed. revista e corrigida. Madri, Gredos, 1973, p. 115-234.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronía, diacronía e historia; el problema del cambio lingüístico*. Montevidéo, Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1958, 162 p.
- COSERIU, Eugenio. Sistema, norma y habla, in —: *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed. revista e corrigida. Madri, Gredos, 1973, p. 11-113.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio, Paz e Terra, 1972, 226 p. (Rumos da cultura moderna, 48).
- CURTIUS, Ernest Robert. Etimologia como forma de pensar, in *Literatura européia e idade média latina* [Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter], trad. Teodoro Cabral & Paulo Rónai, 2ª ed., Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979, p. 531-538.
- DESCARTES, René. *Discurso do método / Meditações / Objeções e respostas / As paixões da alma / Cartas*. 2ª ed, São Paulo, Abril Cultural, 1979, 324 p. (Os pensadores).

- DIEGUES JR., Manuel. *Etnias e culturas do Brasil*, 5.,a ed., Rio, Civilização Brasileira/INL, 1976, 208 p.
- DUCROT, Oswald & Todorov, TZVETAN. *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje* [Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage], trad. Enrique Pezzoni. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1974, 322 p.
- ECO, Umberto (1971). *As formas do conteúdo* [Le forme del contenuto], trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva/USP, 1974, p. 15-17 (Estudos 25).
- ECO, Umberto (1968). *A estrutura ausente*. Introdução á pesquisa semiológica [La struttura assente], trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva/USP, 1971. (Col. Estudos 6)
- ECO, Umberto (1962). Do modo de formar corro compromisso para com a realidade, in —: *Obra aberta*. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas [Opera aperta], trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, 1971, p. 227-277 (Debates 4).
- ECO, Umberto (1973). *O signo* [Segno]; trad. M<sup>a</sup> de Fátima Marinho. Lisboa, Presença, 1977.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados* [Apocalittici e integrati], trad. Rodolfo Ilari & Carlos Vogt. São Paulo, Perspectiva, s. d. (Col. Debates 19)
- ECO, Umberto (1976): *Tratado geral de semiótica* [Trattato di semiotica generale]; trad. Antonio de Pádua Danesi e Valéria O. de Souza. São Paulo, Perspectiva, 1980, 282 p. (Col. Estudos, 73).
- ELIOT, T. S. A função social da poesia, in —: *A essência da poesia* [One poet and one poetry], trad. Maria Luiza Nogueira. Rio, Artenova, 1972, p. 28-42.
- ENGELMAN, Arno. Métodos lingüísticos na investigação de estados subjetivos. *Almanaque: cadernos de literatura e ensaio*. São Paulo, Brasiliense, n<sup>o</sup> 5, 1977, p. 93-95.
- ENGELS, Friedrich (1893): As tarefas da crítica marxista. Carta a Franz Mehrin. In MARX & ENGELS: *Sobre a*

- literatura e a arte*; trad. e seleção de Albano Lima. Lisboa, Estampa, 1971.
- ENGELS, Friedrich. Prefácio ao livro segundo de *O Capital*, in MARX, *O Capital*. Livro II: O processo de circulação do capital [Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie. buch II], trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio, Civilização Brasileira, 1970, p. 1-19.
- FEVRE, Lucien. A aparelhagem mental (1. Palavras que faltam), in Carlos Guilherme Mota, *Lucien Febvre: história*. São Paulo, Ática, 1978, p. 55-58 (Grandes cientistas sociais, 2).
- FERGUNSON, Charles A. Diglossia [Diglossia], trad. Maria da Glória R. Silva, in Maria Stella Fonseca & Moema F. Neves *Sociolinguística*. Rio, Eldorado, s. d., p. 99-118.
- FISCHER, John L. Influências sociais na escolha de variantes lingüísticas [Social influences on the choice of a linguistic variant], trad. Elba Souto, in Maria Stella Fonseca & Moema F. Neves, *Sociolinguística*. Rio, Eldorado, s. d., p. 87-98.
- FISHMAN, Joshua A. A sociologia da linguagem [The sociology of language], trad. Álvaro Cabral, in Maria Stella Fonseca & Moema F. Neves, *Sociolinguística*. Rio, Eldorado, s. d., p. 25-40.
- FONSECA, Fernanda I. & FONSECA, Joaquim. A competência comunicativa, in —: *Pragmática lingüística e ensino do português*. Coimbra, Almedina, 1977, p. 51-92.
- FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico [On the history of the psychoanalytic movement], trad. Themira de Oliveira Brito & Paulo Henriques Brito, in Freud, *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 37-84.
- FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise [Five lectures on psychoanalysis], trad. Durval Marcondes & J. Barbosa Correa, revista e modificada por Jayme Salomão, in Freud, *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, p. 1-36.

- FREUD, Sigmund. El delírio y los sueños en 'La Gradiva' de W. Jansen, in *Obras completas*, trad. Luis Lopez-Ballesteros y Torres, 3ª ed., Madri, Biblioteca Nueva, s. d., Tomo II, p. 1285-1336.
- FREUD, Sigmund. El malestar en la cultura, in *Obras completas*, trad. Luis Lopez-Ballesteros y Torres, 3ª ed., Madrid, Biblioteca Nueva, s. d., tomo m, p. 3017-3967.
- FREUD, Sigmund. El poeta y los sueños diurnos, in —: *Obras completas*, trad. Luis Lopez-Ballesteros y Torres, 3ª ed., Madrid, Biblioteca Nueva, s. d., Tomo II, p. 1343-1348.
- FREUD, Sigmund (1895): *Projeto para uma psicologia científica* [Entwurf einer Psychologie / Project for a scientific psychology]; trad. José Luis Meurer. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 379-517.
- GARVIM, Paul L. & MATHJOT, Madeleine. A urbanização da língua guarani: um problema em linguagem e cultura [The urbanization of the guarani language], trad. Luiza Lobo, in Maria Stella Fonseca & Moema F. Neves, *Sociolingüística*. Rio, Eldorado, s. d., p. 119-130.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história* [Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce], trad. Carlos Nelson Coutinho, 2ª ed., Rio, Civilização Brasileira, 1978, 342 p. (Perspectivas do homem 12).
- GUERREIRO, Mário. Signo sonoro & signo musical: um esboço de psicologia fenomenológica. *Ciências Humanas*. Rio, Universidade Gama Filho, v. I, n.º 2, 1977, p. 45-57.
- HALL JR., R. A. Pidgins and creoles as standard languages, in J. B. Pride & Janet Holmes, *Sociolinguistics. Selected readings*. Penguin Education, 1974, p. 142-153.
- HAYES, Curtius W. Lingüística e literatura: prosa e poesia, in Archibald A. Hill, *Aspectos da linguística moderna* [Linguistics], trad. Aldair Palácio et alii. São Paulo, Cultrix, 1972, p. 176-191.

- HERÁCLITO DE ÉFESO. Fragmentos, doxografia e comentários, in Tales de Mileto et alii, *Os pré-socráticos*, seleção de J. Cavalcante de Souza, trad. J. C. de Souza et alii, 2ª ed. São Paulo, Abril, 1978, p. 73-136 (Os pensadores).
- HJELMSLEV, Louis. *El lenguaje* [Sproget], trad. Maria Victòria Catalina. Madri, Gredos, 1971, 191 p. (Biblioteca románica hispânica, 19).
- HJELMSLEV, Louis. La forme du contenu du langage comme facteur social [Sprugets indholdsform som samfundsfaktor], trad. Jean-François Brunaud, in Hjelmslev, *Essais linguistiques*. Paris, Minuit, 1971b, p. 97-104 (Arguments, 47).
- HJELMSLEV, Louis. *Princípios de gramática general* [Principes de grammaire générale], versão espanhola de Félix Torre. Madri, Gredos, 1976, 400 p. (Biblioteca românica hispânica 251).
- HJELMSLEV, Louis (1943). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* [Prolegommfia theory of language], trad. da ed. inglesa J. C. Neto. São Paulo, Perspectiva, 1975, 150 p. (Estudos 43).
- HJELMSLEV, Louis. *Sistema lingüístico y cambio lingüístico*, seleção e versão espanhola de B. Pallares Arias. Madrid, Gredos, 1976, 260 p. (Biblioteca románica hispânica, 249).
- JACQUART, Emmanuel. Ionesco: ideologia como linguagem (entrevista com Eugène Ionesco). *Jornal de cultura*, n. 21, Salvador, *Diário de Notícias*, 02 fev. 1975, p. 7.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*, sel. e trad. Izidoro Blikstein; José Paulo Paes, 5ª ed., São Paulo, Cultrix, 1971.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística. Poética. Cinema*. (Roman Jakobson no Brasil), Org. Haroldo de Campos & Boris Schnaiderman, trad. Francisco Acher et alii. São Paulo, Perspectiva, 1970, 210 p. (Debates 22).

- JAKOBSON, Roman. O que fazem os poetas com as palavras. *Jornal de Cultura*, n. 14. Salvador, *Diário de Notícias*, 14 jun. 1974, p. 8.
- JAKOBSON, Roman. *Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências* [Linguistics in relation to other sciences], trad. Maria Fernanda Nascimento. Lisboa, Bertrand, 1974b.
- JAKOBSON, Roman. *Six leçons sur le son et le sens*. Préface de Claude Lévi-Strauss. Paris, Minuit, 1976, 128 p.
- JAKOBSON, Roman & TYNIAOV, Júri: Os problemas dos estudos literários e lingüísticos. In EIKHENBAUM et alii: *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-98.
- JUNG, Carl Gustav. *Tipos psicológicos* [Psychologische Typen], trad. Álvaro Cabral, 2ª ed., Rio, Zahar, 1974, 568 p.
- KRISTEVA, Julia. *História da linguagem* [Le langage, cet inconnu], trad. M. Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1974. 458 p. (Signos, 6).
- KRISTEVA, Julia. Ideologia do discurso sobre a literatura, in Barthes et alii, *Masculino, feminino, neutro*, org. e trad. Tânia Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976, p. 129-138.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise* [Recherches pour une sémanalyse]; trad. Lúcia Ferraz. São Paulo, Perspectiva, 1974, 200 p. (Col. Debates, 84).
- LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês standard [Stages in the acquisition of standard English], trad. Luiza Lobo, in Maria Stella Fonseca & Moema F. Neves, *Sociolingüística*. Rio, Eldorado, s. d., p. 49-85.
- LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris, Seuil, 1966, 928 p. (Le champ freudien).



- LACAN, Jacques. *Escritos* [Écrits]; trad. Inês Oseki-Derpé. São Paulo, Perspectiva, 1978, 348 p. (Col. Debates, 132).
- LACAN, Jacques. Le Mythe individuel du névrosé ou poésie et vérité dans la névrose. *Omicar*, 17-18, Seuil, 1978, p. 290-307.
- LACAN, Jacques (1954). *O seminário*. Livro I: Os escritos técnicos de Freud [Le séminaire de Jacques Lacan. Livre I: Les écrits techniques de Freud]; trad. Betty Milan. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- LAKOFF, George & Ross, John Robert. *Is deep structure necessary?* Indiana, Linguistics Club, Indiana University, 1968, 4 p. (Texto policopiado.)
- LAMB, Sydney M. Lexologia e semântica, in Archibald A. Hill, *Aspectos da lingüística moderna* [Linguistics], trad. Adair Palácio et alii. São Paulo, Cultrix, 1972, p. 42-52.
- LAMOUNWR, Bolivar. Ideologia. *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976, p. 5950-5954.
- LANGAKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura. Alguns conceitos lingüísticos fundamentais* [Language and its structure], trad. Gilda Maria Azevedo. Petròpolis, Vozes, 1972, 264 p.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise* [Vocabulaire de la psychanalyse], trad. Pedro Tamen, 3ª ed., Lisboa, Moraes, 1976, 707 p. 252.
- LEFEBBRE, Henri. Lógica e ideologia, in —: *Lógica formal lógica dialética* [Logique formelle Logique dialectique], trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio, Civilização Brasileira, 1975, p. 27-29.
- LÊNIN, Nikolai. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo* (sem tradutor). São Paulo, Global, 1978, 80 p. (Teoria/ Bases 9).
- LÊNIN, Vladimir Ilich. *Contra o oportunismo e o dogmatismo da esquerda* [La maladie infantile du communisme], trad. Carlos Rizzi, in Florestan

- Fernandes, *Lênin: política*. São Paulo, Ática, 1978, p. 53-64 (Grandes cientistas sociais 5).
- LEROY, Maurice. *As grandes correntes da lingüística moderna* [Les grands courants de la linguistique moderne], trad. Izidoro Blikstein & José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1971, 196 p.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural* [Antropologie structurale], trad. Chaim Katz & Eginardo Pires. Rio, Tempo Brasileiro, 1970, 440 p.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Aula inaugural [Leçon inaugurale]; trad. M<sup>a</sup> Nazaré Soares. In COSTA LIMA (Org.): *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2<sup>a</sup> ed., Petrópolis, Vozes, 1970b, p. 45-77.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem* [La pensée sauvage], trad. Celeste Souza & Almir Aguiar. São Paulo, Nacional, 1976, 334 p.
- LOBATO, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo, Brasiliense, 1967, 275 p.
- LOCKE, John (1690). *Ensaio acerca do entendimento humano* [An essay concerning human understanding], trad. Anaor Aiex. São Paulo, Abril Cultural, 1978, 350 p. (Os pensadores).
- LORENZON, Alino. A comunicação humana. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Rio, v. I, n. 2, 1977, p. 31-36.
- LYRA, Kate. Kate Lyra, por ela mesma. *Status*. São Paulo, n. 51, 1978, p. 84-98.
- MALINOVSKI, Brolislaw. O problema do significado em linguagens primitivas, in Ogden & Richards, *O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo* [The meaning of meaning: a study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism], trad. Álvaro Cabral. Rio, Zahar, 1972, p. 295-330.

- MANNREIM, Karl. *Ideologia e utopia* [Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge], trad. Sérgio Santeiro (da edição inglesa, incluindo o ensaio A sociologia do conhecimento, publicado no *Handwörterbuch der Soziologie* de A. Vierkanndt). Rio, Zahar, 1976, 330 p.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe / Escritos políticos filosóficos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, 237 p. (Os pensadores)
- MARCELLESI, Jean-Baptiste & GARDIN, Bernard. *Introdução à sociolingüística. A lingüística social* [Introduction á la sociolinguistique], trad. Maria de Lourdes Saraiva. Lisboa, Aster, 1975, 308 p.
- MARSHALL, J. C. Biologia da comunicação no homem e nos animais, in John Lyons, *Novos horizontes em Lingüística* [New horizons in linguistics], trad. Geraldo Cintra et alii. São Paulo, Cultrix, 1976, p. 219-231.
- MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral* [Éléments de linguistique générale], trad. Jorge Morais-Barbosa, 5ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1973, 224 p.
- MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo, Flama, 1946, 168 p.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*, seleção de J. Arthur Giannotti, trad. José C. Bruni et alii, 2ª ed.. São Paulo. Abril Cultural, 1978. 410 p. (Os pensadores).
- MARX, Karl. *Miséria da Filosofia*. Rio de Janeiro, Leitura, 1965.
- MARX, Karl. *O capital*. Livro II. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970, 577 p.
- MARX, Karl. *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1979, 216 p.
- MARX, Karl. Teses contra Feuerbach, in --: *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*, seleção de J. Arthur Giannotti, trad. José C. Bruni et alii, 2ª ed.. São Paulo. Abril Cultural, 1978, p. 49-54 (Os pensadores).

- MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach, in –: *Trechos escolhidos sobre filosofia*, seleção de P. Nizan, trad. Inácio Rangel. Rio, Calvino, 1946, p. 60-63.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (1845a) *A ideologia alemã I* [Die Deutsche Ideologie], trad. Conceição Jardim & Eduardo Nogueira. Lisboa. Presença, s. d., 316 p. (Síntese 16).
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (1845b) *A ideologia alemã II* [Die Deutsche Ideologie], trad. Conceição Jardim & Eduardo Nogueira. Lisboa, Presença, s. d., 464 p. (Síntese 21).
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista* [Communist Manifesto. Socialist Landmark], trad. Regina Moraes (da edição feita pelo Partido Trabalhista Britânico), in Harold Laski, *O manifesto comunista de Marx e Engels*, 2ª ed., Rio, Zahar, 1978, p. 93-124.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Sobre a literatura e a arte*, textos escolhidos, trad. Albano Lima. Lisboa, Estampa, 1971, 296 p. (Teoria 7).
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe / Escritos políticos*; trad. Lívio Xavier. São Paulo, Abril Cultural, 1979, 237 p.
- MAUSS, Marcel. A alma, o nome e a pessoa, in Roberto Cardoso de Oliveira (org.), *Mauss: antropologia*, trad. Regina Morel. São Paulo, Ática, 1979, p. 177-180 (Grandes cientistas sociais, 11).
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem* [Understanding media: the extensions of man], trad. Décio Pignatari, 4ª ed., São Paulo, Cultrix, 1974, 408 p.
- MCLUHAN, Marshall & PARKER, Harley: *O espaço na poesia e na pintura através do ponto de fuga* [Thought the vanishing point]; trad. Edson Bini et alii. São Paulo, Hemus, 1975.
- MEIRELES, José Antônio & RAPOSO, Eduardo Paiva. Introdução a alguns conceitos da gramática generativa e

- transformacional, in Chomsky, *Aspectos da teoria da sintaxe* [Aspects of the theory of syntax], trad., introd., notas e apêndices de José A. Meireles & Eduardo P. Raposo. Coimbra, Aménio Amado, 1975, p. 9-77.
- MERQUIOR, José Guilherme. O estruturalismo dos pobres, in *O estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio, Tempo Brasileiro, 1975, p. 7-14 (Diagrama 2).
- MERQUIOR, José Guilherme. O idealismo do significante: a Gramatologia de Jacques Derrida, in —: *O estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio, Tempo Brasileiro, 1975, p. 60-77 (Diagrama 2).
- MERQUIOR, José Guilherme. Sobre alguns problemas da crítica estrutural, in —: *A astúcia da mímese. Ensaios sobre lírica*. Rio, José Olympio, 1972, p. 211-219.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Saudades do carnaval. Introdução á crise da cultura*. Rio, Forense, 1972, 283 p.
- MERQUIOR, José Guilherme. Raízes ideológicas do pessimismo frankfurtiano, in —: *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio, Tempo Brasileiro, 1979, p. 149-158 (Tempo universitário, 15).
- MERQUIOR, José Guilherme. *Razão do poema: ensaios de crítica literária e estética*. Rio, Civilização Brasileira, 1965, 180 p.
- MIAZZI, Maria Luíza Fernandez. *Introdução à lingüística românica. Histórico e métodos*. São Paulo, Cultrix, 1972, 124 p.
- MORA, José Ferrater. Ideologia, in —: *Diccionario de filosofia*. Buenos Aires, Sudamericana, 1975, p. 906-907.
- MOTA, Octanry Silveira da & HEGENBERG, Leonidas. Peirce e Pragmatismo, in Peirce, *Semiótica e filosofia* [Collected papers of Charles Sanders Peirce], seleção e trad. O. S. Mota & L. Hegenberg. São Paulo, Cultrix, 1972, p. 17-22.
- NARO, Anthony Julius. *Estudos diacrônicos*; trad. Lais Campos & Kátia Santos. Petrópolis, Vozes, 1973, 168 p.

- OGDENDEN, C. K. & RICHARDS, I. A. (1923). *O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo* [The meaning of meaning: a study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism], trad. Álvaro Cabral. Rio, Zahar, 1972, 350 p.
- OLIVEIRA NETTO, Luís Camilo de. *História, cultura & liberdade. Páginas recolhidas*. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa, introdução de Carlos Drummond de Andrade, Barreto Filho & João Camilo de Oliveira Torres. Rio, José Olympio, 1975. 256 p.
- OUBEIRA, Roberto Cardoso. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976, 120 p.
- PEIRCE, Charles Sanders (1935). *Semiótica e filosofia* [Collected papers of Charles Sanders Peirce]; introd., seleção e trad. de Octanny Silveira da Mota & Leonidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix, 1972, 164 p.
- PERINI, Mário Alberto. *A gramática gerativa. Introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Vigília, 1976, 254 p.
- PERRONE-MOISÉS, Leila. Crítica e ideologia, in —: *Texto, crítica, escritura*. São Paulo, Ática, 1978, p. 22-28.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*, org., introd. e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio, Aguilar, 1972, 788 p.
- PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*, org. introd. e notas de Cleonice Berardinelli. Rio, Nova Aguilar, 1976, 734 p.
- PIGNATARI, Décio. *Informação. Linguagem. comunicação*. 6ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1973, 148 p. il.
- PIMENTEL, Osmar. Língua, literatura e trópico, in Gilberto Freire, org., *Trópico & ...* Trabalhos apresentados e debates travados no Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, no decorrer do ano de 1968, sob a direção de Gilberto Freire. Recife, Universitária/Universidade Federal de Pernambuco, 1974, p. 37-113.

- PLATÃO (399 a. C.). *Apologia de Sócrates*, trad. M<sup>a</sup> Lacerda de Moura, introd. Alceu Amoroso Lima. Rio, Tecnoprint, 1970 (Clássicos de Ouro).
- PLATÃO (380 a. C.). *A república*, trad. Leonel Vellandro. Globo, Porto Alegre, 1964, 318 p. il. (Biblioteca dos séculos, 56).
- PLATÃO (370 a. C.). *Crátilo*, o de la exactitud de las palabras. *Obras completas*, trad. do grego, preâmbulos e notas por Maria Araújo et alii. Madrid, Aguilar, 1966, p. 503-560.
- PORTELLA, Eduardo. A ideologia esquiva no dinamismo do entre-texto, in —: *Fundamento da investigação literária*. Rio, Tempo Brasileiro, 1974, p. 115-135 (Tempo universitário, 33).
- PORTELLA, Eduardo. *Teoria da comunicação literária*. 2<sup>a</sup> ed., Rio, Tempo Brasileiro, 1973, 176 p.
- PRÉ-SOCRÁTICOS (Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes, Protágoras, Xenófanes, Heráclito, Parmênides, Zenão, Melisso, Empédocles, Filolau, Arquitas, Anaxágoras, Leucipo, Demócrito). *Fragmentos, Doxografia e comentários*. São Paulo, Abril Cultural, 1978, 365 p. (Os pensadores).
- PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala. Um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 3<sup>a</sup> ed., São Paulo, Nacional, 1977, 192 p.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. *Correspondence*, vol. I, Paris, Librairie Internationale, 1875.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Classes sociais no Brasil: 1950-1960. *Ciência e Cultura*. São Paulo, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, v. 27, n. 7, 1975, p. 735-756.
- REICH, Wilhelm. *Materialismo dialético e psicanálise* [Verlag für Sexual Politik], trad. Joaquim José Ramos. Lisboa, Presença, 1977, 172 p. (Biblioteca de ciências humanas, 2).

- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio, Civilização Brasileira, 1970, 496 p.
- RIBEIRO, João. *O folclore*. Rio, Organização Simões, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, MEC, 1969.
- RODRIGUES, Ada Natal. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo, Ática, 1974, 324 p. (Ensaio, 5).
- RONA, José Pedro. La concepción estructural de la sociolingüística, in Paul Garvin & Yolanda Lastra Suárez, *Antología de estudios de etnolingüística y sociolingüística*. México, Universidad Nacional Autónoma, Instituto de Investigaciones Antropológicas, 1974, p. 203-216.
- ROSA, João Guimarães. Literatura deve ser vida. Um diálogo de Gunter Lorens com João Guimarães Rosa. *Exposição do Novo Livro Alemão no Brasil*. Frankfurt am Main, 1971, p. 267-312.
- ROSA, João Guimarães. Uns índios (sua fala), in -: *Ave, palavra*. Rio, José Olympio, 1970, p. 88-90.
- ROSSI, Nelson. Prefácio, in Ada Natal Rodrigues, *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo, Ática, 1974, p. 11-15 (Ensaio, 5).
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1762). *Do contrato social; ou princípios do direito político* [Du contrat social ou principes du droit politique], trad. Lourdes Machado. Rousseau, *Obras políticas*. Porto Alegre, Globo, 1962, v. II, p. 1-165.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1759). *Ensaio sobre a origem das línguas; onde se fala da melodia e da interpretação musical* [Essai sur l'origine des langues où il est parlé de la mélodie et de l'imitation musicale], trad. Lourdes Machado. Rousseau, *Obras políticas*. Porto Alegre, Globo, 1962, v. II, p. 417-479.
- RUSSELL, Bertrand. *A filosofia antiga. História da filosofia ocidental* [History of the Western Philosophy], trad. Brenno Silveira. São Paulo, Nacional, Vol. I, 1977a.



- RUSSELL, Bertrand. *A filosofia católica. História da filosofia ocidental* [History of the Western philosophy], trad. Brenno Silveira. São Paulo, Nacional, Vol. II, 1977b.
- RUSSELL, Bertrand. *A filosofia moderna. História da filosofia ocidental* [History of the Western philosophy], trad. Brenno Silveira. São Paulo, Nacional, Vol. III, 1977c.
- RUSSELL, Bertrand. *Nosso conhecimento do mundo exterior: estabelecimento de um campo para estudos sobre o método científico em filosofia* [Our knowledge of the external world: as a field for scientific method in philosophy], trad. R. Haddock Lobo. São Paulo, Nacional, 1966.
- SANTOS, Theobaldo Miranda. *Manual de filosofia*. 13ª ed., São Paulo, Nacional, 1964, 524 p.
- SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala* [Language: an introduction to the study of speech], trad. Mattoso Câmara Jr. Rio, Instituto Nacional do Livro, 1954, 232 p.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1916). *Curso de lingüística geral* [Cours de linguistique generale]; trad. Antonio Chelini et alii. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972, 280 p.
- SCHAFF, Adam. A definição funcional de ideologia e o problema do 'fim do século da ideologia'. *Documentos*, São Paulo, n. 2, 1968, p. 7-23.
- SCHAFF, Adam. A gramática generativa e a concepção das idéias inatas, in Schaff et alii, *Lingüística, sociedade e política*, org. e trad. Ana Maria Brito & Gabriela Matos. Lisboa, Edições 70, 1975, p. 9-43 (Signos, 70).
- SCHAFF, Adam (1971). *História e verdade* [Histoire et vérité], trad. Maria Paula Duarte. São Paulo, Martins Fontes, 1978, 317 p.
- SCHAFF, Adam. La objetividad del conocimiento a la luz de la sociología del conocimiento y del análisis del lenguaje, in Eliséo Veròn (Seleção dirigida por), *El proceso ideológico*, 3ª ed., Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1976, p. 47-79.

- SCHAFF, Adam (1964). *Linguagem e conhecimento* [Język a poznanie], trad. Manuel Reis (com base no texto francês estabelecido por Claire Brendel). Coimbra, Almedina, 1974, 304 p.
- SEIXAS, Cid (1978). A linguagem dos sentidos na poética musical de Strawinsky. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. II, nº 5, Rio de Janeiro, 1978, p. 26-31.
- SEIXAS, Cid (1978b). A falência do estruturalismo ou a remissão dos pecados do objeto. *Minas Gerais Suplemento Literário*. Belo Horizonte, n. 612, 1978, p. 6-7. (Republicação: *Veritas. Revista da Puc do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Vol. XXV, n. 98, jun. 1980, p. 194-200.)
- SEIXAS, Cid (1979). A ideologia da linguagem como criação literária. *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio, Civilização Brasileira, n. 9, 1979, p. 153-160.
- SEIXAS, Cid (1978c). A ideologia do signo da ficção de Herculano. Pressupostos teóricos de um projeto de pesquisa. In VI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA. Assis, UNESP, ago. 1978. Comunicação. 10p. (Publicada nos anais do encontro: *Conferências e comunicações*. Assis, UNESP, 1980, p. 261-265.)
- SEIXAS, Cid (1978d). A linguagem dos sentidos na poética musical de Strawinsky. *Ciências Humanas*. Rio, Universidade Gama Filho, Vol. II, nº 5, 1978, p. 26-31.
- SEIXAS, Cid (1979b). *A standardização da fala no teatro como reflexo da ideologia dominante: o problema no Nordeste*. Comunicação ao SEMINÁRIO DE DRAMATURGIA DO NORDESTE. Salvador, Teatro Castro Alves, 1979, 8 p.
- SEIXAS, Cid (1977). A subjetividade como elemento formativo. da linguagem poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*. Belo Horizonte, n. 582, 1977, p. 6-7.
- SEIXAS, Cid (1974). Jenner e a linguagem universal da pintura. *A Tarde*. Salvador, 6 jun. 1974, p. 4.

- SEIXAS, Cid (1978e). Manifesto á aldeia marginal, in: *O signo selvagem*. Salvador, Margem, 1978. (2ª ed., in: *Fonte das pedras*, Rio, Civilização Brasileira, 1979, p. 133-137.
- SEIXAS, Cid (1981). *O espelho de Narciso*. Livro I: *Linguagem, Cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*. Apresentação de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.
- SEIXAS, Cid (1983). *O lugar da linguagem na teoria freudiana*. Salvador, Casa de Palavras, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997.
- SEIXAS, Cid (1977b). *O significando: superação da dicotomia do signo lingüístico na semiótica poética*. Comunicação ao XV CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA ROMÂNICAS. Rio, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977, 15 p.
- SEIXAS, Cid (1974). Poética, uma subversão lingüística, segundo Jakobson. *Jornal de Cultura*, n. 11. Salvador, Diário de Notícias, 7 abr. 74, p. 5.
- SILVA, Myrian Barbosa da & SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Um traço do português kamaiurá: um momento no processo de aquisição do português*. Comunicação à X REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1975, 12 p.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. 2ª ed. Rio, Civilização Brasileira, 1972. 196 p.
- TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética* [Qu'est-ce que le structuralisme? – Poétique], trad. José Paulo Paes & Frederico Pessoa de Barros, 4ª ed. rev. e ampliada. São Paulo, Cultrix, 1976, 132 p.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo (1265). *Compêndio de teologia* (Capítulos I a XXXVI e LXXVI a C)

- [Compendium theologiae]; trad. Luís J. Baraúna, in Tomás de Aquino et alii: *Seleção de textos*. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 69-101 (Os Pensadores).
- TOMÁS DE AQUINO, Santo (1273). Textos da suma teológica [Summa theologica]; trad. Alexandre Correia, in Tomás de Aquino et alii: *Seleção de textos*. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 103-146 (Os Pensadores).
- TOMÁS DE AQUINO, Santo (1273). Dos nomes divinos (Questão XIII da *Suma Teológica*) [Summa Theologica], trad. Alexandre Correia, in Tomás de Aquino et alii: *Seleção de textos*. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 105-123.
- TRINDADE, Liana S. Analogia entre linguagem e sociedade: sobre a origem e desenvolvimento da linguagem, in —: *As raízes ideológicas das teorias sociais*. São Paulo. Ática, 1978, p. 106-109 (Ensaio, 40).
- TROTSKY, Leon. A escola poética formalista e o marxismo, in Eikenbaum et alii, *Teoria da literatura. Formalistas russos*. Org. Dionísio de O. Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 71-85.
- TYNIANOV, Juri & JAKOBSON, Roman. Os problemas dos estudos literários e lingüísticos, in Eikenbaum et alii, *Teoria da literatura. Formalistas russos*. Org. Dionísio de O. Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-97.
- VANDERSEN, Paulino. Tarefas da sociolingüística no Brasil. *Revista de cultura vozes. Panorama da sociolingüística*. Petrópolis, Vozes, n. 8, 1973, p. 5-11.
- VELHO, Gilberto & CASTRO, E. B. Viveiros de. O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. *Artefato*. Rio, Conselho Estadual de Cultura, n. 1, 1978, p. 4-9.
- VERÓN, Eliséo (Sel. Org.), *El proceso ideológico*, 3ª ed., Buenos Aires, Tiempo Contemporâneo, 1976.

- VICO, Giambattista (1725). *Princípios de uma ciência nova* [Principi di azienza nuova]; trad. Antonio Prado. São Paulo, Abril Cultural, 1979, 186 p. (Os Pensadores).
- VILLAS BOAS, Orlando & VILLAS BOAS, Cláudio. *Xingu: os índios, seus mitos*. 3ª ed., Rio, Zahar, 1974.
- VOGT, Carlos. *Linguagem e poder*. Campinas, edição policopiada, 1977. 19 p.
- WARTBURG, Walther von & ULLMANN, Stephen. *Problemas e métodos da lingüística* [Problèmes et méthodes de la linguistique], trad. Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Difel, 1975, 230 p.
- WHITNEY, William Dwight (1867). *Language and the Study of Language*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1971. (Whitney on Language: selected writings of William Dwight Whitney, ed. Michael Silverstein)
- WITTGENSTEIN, Ludwig (1918): *Investigações filosóficas* [Philosophische Untersuchungen], trad. José Carlos Broni. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979, 228 p. (Os Pensadores).
- WITTGENSTEIN, Ludwig (1945). *Tractatus logico-philosophicus*. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo, Nacional. 1968, 152 p.
- WOLF, Benjamin Lee. *Language, thought and reality*; selected writings. Cambridge, Press of Massachusetts Institute of Technology, 1956, 306 p.

## O QUE É A **e-book.br**

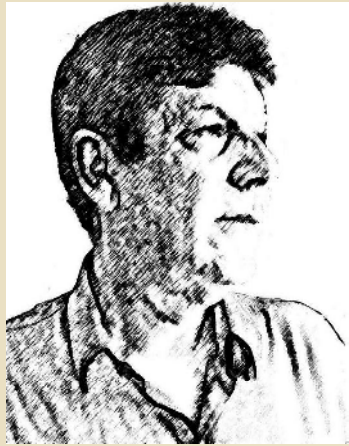
A Editora Universitária do Livro Digital, identificada como **e-book.br**, é um projeto editorial do CEDAP, compartilhado por instituições de ensino e pesquisa voltadas para o trabalho de difusão do livro. Conta atualmente com a participação da UEFS, com vistas ao apoio da Biblioteca Nacional.

Os trabalhos publicados pela Editora Universitária do Livro Digital são de acesso gratuito aos leitores.

Propõe-se a funcionar de modo integrado, com núcleos independentes, ou **unidades editoriais**, em instituições de ensino e pesquisa. Na qualidade de universidade à qual está ligado o proponente da iniciativa, a UEFS sedia a **e-book.br**, em cujo *campus* funciona a Coordenação do projeto.

Caberá a cada Unidade Editorial criar suas próprias Coleções de Livros que, embora com linhas editoriais e *designs* gráficos independentes, deverão utilizar a marca da **Editora Universitária do Livro Digital | e-book.br**.

Os livros eletrônicos da **e-book.br** também podem ser impressos em tiragens destinadas a divulgação, leitura em bibliotecas e outras formas de distribuição.



Mais conhecido pelos seus livros e artigos de e sobre Literatura, Cid Seixas dedicou-se, nos anos setenta, aos estudos linguísticos como forma de compreender a base ou a ossatura do texto literário. É desse período o seu estudo considerado inovador, por alguns estudiosos do porte do filólogo Antonio Houaiss.

Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, atuou nos projetos de criação do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, bem como da UEFS Editora.

Jornalista e escritor, antes de se tornar professor universitário, atuou na imprensa como repórter, *copy desk* e editor, trabalhando em rádio, jornal e televisão. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários dos anos 70, o *Jornal de Cultura*, publicado pelo *Diário de Notícias*.

# SOB O SIGNO DO ESTRUTURALISMO

## LINGUAGEM, CULTURA E IDEOLOGIA Livro III

- 1 | A natureza ideológica da linguagem
- 2 | A linguagem, origem do conhecimento
- 3 | Sob o signo do estruturalismo
- 4 | O contrato social da linguagem
- 5 | A linguagem: do idealismo ao marxismo

O trabalho de pesquisa de Cid Seixas sobre a linguagem, empreendido no final dos anos 70 numa perspectiva da cultura e da ideologia, contrariando os estudos imanentes do estruturalismo, antecipou importantes questões hoje em debate. É o que testemunha esta obra sobre o tema, com cerca de 500 páginas, dividida em cinco pequenos livros.

[www.e-book.uefs.br](http://www.e-book.uefs.br)

[www.linguagens.ufba.br](http://www.linguagens.ufba.br)

<https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem3>

<https://issuu.com/cidseixas/docs/linguagem3>

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL